

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Ana Carolina Spinelli

ANALISANDO A RETOMADA ANAFÓRICA DO OBJETO DIRETO EM  
PORTUGUÊS FALADO

Porto Alegre, 2016.

ANA CAROLINA SPINELLI

ANALISANDO A RETOMADA ANAFÓRICA DO OBJETO DIRETO EM  
PORTUGUÊS FALADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciada em Letras pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero

Porto Alegre, 2016.

Dedico este trabalho aos meus pais,  
Altemir e Carmen.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, por toda confiança, orgulho e respeito que sempre demonstrou diante das minhas escolhas, apoiando-me amorosamente em cada etapa vivida.

Ao meu orientador, professor e amigo Gabriel de Ávila Othero, que não apenas mostrou-me os caminhos necessários para este trabalho, mas também me incentivou a ir sempre além do que é esperado.

Aos professores da Universidade, que contribuíram para a minha formação por meio de valiosos ensinamentos, exemplos e conselhos.

À minha professora primária, Mara Griebler, que além de ensinar-me a ler, ensinou-me a *ser*, investindo na formação humana como o cerne da educação.

Às minhas amigas e colegas, que por muitas vezes foram a fonte de descontração e de força de que necessitei: Anelise Kolling, Bárbara Machado, Izabel Maria Lopes, Nathália Guazina e Renata Martins.

Às minhas *hermanas*, companheiras de viagens e da incrível experiência que passamos em Madrid, especialmente à Camila Saute Torresini e Letícia Di Maio Tancredi.

Às incansáveis parceiras, amigas e colegas de pesquisa que não só acompanharam meus passos durante este trabalho, mas guiaram-me com o exemplo de suas experiências: Camila Schwanke Costa e Mônica Rigo Ayres.

A todos os meus amigos e colegas que não foram aqui citados, porém contribuíram diariamente para minha tranquilidade e realização deste trabalho.

Por fim, agradeço ao mundo, este tão plural e tão diversificado, que já colocou em meu caminho pessoas que nem sequer sabiam o meu nome, mas que se permitiram compartilhar suas vidas com tanta disposição.

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo realizado sobre a retomada anafórica do objeto direto em português brasileiro (PB) falado, especificamente em sua variante falada em Porto Alegre. Em PB, duas diferentes estratégias para a retomada anafórica de objetos são conhecidas: por um lado, temos a preferência por pronomes clíticos na retomada de 1ª e 2ª pessoas (cf. Schwenter 2006 e Othero et al. 2016); por outro, na retomada anafórica de 3ª pessoa, evidenciamos a queda dos clíticos – em seu lugar, encontramos pronomes plenos ou uma categoria vazia na posição de objeto (cf. Duarte 1989, 1993, Cyrino 1997, 2013, etc.).

Neste trabalho, buscamos explicar qual motivação gramatical ou discursiva influencia na retomada anafórica e condiciona o uso de pronomes plenos, clíticos ou objetos nulos em PB falado. Para isso, comparamos duas hipóteses conhecidas na literatura brasileira sobre o assunto. A primeira hipótese, formulada em parte por Duarte (1989) e Cyrino (1993, 1994/1997), aponta o traço de animacidade e sua combinação com o traço de especificidade como fator condicionador da escolha entre o uso de pronome ou objeto nulo. Do outro lado, temos a hipótese de Creus & Menuzzi (2004), que atribuem a um único traço, o de gênero semântico, a motivação da escolha entre pronome e objeto nulo.

Nossa contribuição consiste na pesquisa em *corpus* de língua falada, a fim de verificar a característica do antecedente de cada objeto direto e confirmar qual das duas hipóteses apresentadas tem maior poder explicativo no condicionamento das duas estratégias que substituem o clítico. Nossa metodologia de trabalho consiste na pesquisa de 19 entrevistas de *corpus* de língua falada, o *corpus* do VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do Brasil). Verificamos a manutenção dos clíticos de primeira e segunda pessoas, que retomam antecedentes classificados positivamente para os três traços analisados, e a queda do clítico de terceira pessoa, que dá lugar principalmente ao uso do objeto nulo. A hipótese que explica o condicionamento entre pronome e objeto nulo de forma mais acurada é a de gênero semântico, já que polariza melhor os resultados e representa uma forma mais econômica de explicar este fenômeno da língua.

Palavras-chave: retomada anafórica; objeto nulo; português falado.

## RESUMEN

Este trabajo presenta el estudio sobre retomada anafórica de objeto directo en portugués brasileño (PB) hablado, específicamente en el habla de Porto Alegre. En PB, se conocen dos estrategias de retomada anafórica de objeto: de un lado, tenemos la preferencia por pronombres clíticos en la retomada de primera y segunda personas (cf. Schwenter 2006 e Othero et al., 2016); por otro lado, en la retomada anafórica de tercera persona, se percibe la caída de los clíticos – en su lugar, encontramos pronombres plenos o una categoría vacía en posición de objeto (cf. Duarte, 1989, 1993, Cyrino 1997, 2013, etc.).

En este estudio, buscamos explicar qué motivación gramatical o discursiva influye en la retomada anafórica y condiciona el uso de pronombres plenos, clíticos u objetos nulos en PB hablado. Para eso, comparamos dos hipótesis conocidas en la literatura brasileña sobre el asunto. La primera hipótesis, desarrollada en parte por Duarte (1989) y Cyrino (1993, 1994/1997), ve el rasgo de animacidad y su combinación con el rasgo de especificidad como factor decisivo para la elección entre uso de pronombre pleno o de objeto nulo. De otro lado, está la hipótesis de Creus & Menuzzi (2004), que atribuyen al rasgo de género semántico la motivación de la elección entre pronombre y objeto nulo.

Nuestra contribución es la pesquisa en un *corpus* de lengua hablada, con el objetivo de verificar la característica del antecedente de cada objeto directo y confirmar cuál de las dos hipótesis presentadas tiene mejor poder explicativo para la elección de las dos estrategias que sustituyen el clítico. Nuestra metodología de trabajo consiste en la pesquisa en *corpus* de lengua hablada, el *corpus* de VARSUL (Variación Lingüística Urbana del Sur de Brasil). Verificamos el mantenimiento de los clíticos de primera y segunda persona, que retoman referentes clasificados positivamente para los tres rasgos analizados, y la caída del clítico de tercera persona, que promueve el uso del objeto nulo. La hipótesis que más bien explica la elección entre pronombre y objeto nulo es la del género semántico, ya que polariza mejor los resultados y presenta una manera más económica de explicar este fenómeno de la lengua.

Palabras-clave: retomada anafórica; objeto nulo; portugués hablado.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de posições nulas vs. preenchidas (Cyrino, 1994/1997, p. 169).	18
Tabela 2 – Objetos nulos de acordo com o traço semântico do antecedente (Casagrande, 2007, p. 4).	21
Tabela 3 – Distribuição das frases-teste por categorias de antecedentes (Creus & Menuzzi, 2004, p. 164).	23
Tabela 4 – Ocorrências de ONs e PrPIs segundo o tipo de antecedente (Creus & Menuzzi, 2004, p. 164).	24
Tabela 5 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico de acordo com o registro (Monteiro, 2004, p. 175).	29
Tabela 6 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico de acordo com a localidade (Monteiro, 2004, p. 177).	30
Tabela 7 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico de acordo com o sexo (Monteiro, 2004, p. 177).	30
Tabela 8 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico em função da faixa etária (Monteiro, 2004, p. 177).	30
Tabela 9 – Total de ocorrências de retomadas anafóricas no <i>corpus</i> .	32
Tabela 10 – Total de ocorrências de retomadas anafóricas de primeira pessoa no <i>corpus</i> .	33
Tabela 11 – Distribuição, para primeira pessoa, de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm a$ , $\pm e$ ].	33
Tabela 12 – Antecedentes de retomadas anafóricas de primeira pessoa classificados com base no traço de gênero semântico.	34
Tabela 13 – Distribuição, para segunda pessoa, de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm a$ , $\pm e$ ].	34
Tabela 14 – Antecedentes de retomadas anafóricas de segunda pessoa classificados com base no traço de gênero semântico.	36
Tabela 15 – Distribuição, para segunda pessoa, de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm a$ , $\pm e$ ], excluindo-se ocorrências de <i>te genérico</i> .	35
Tabela 16 – Antecedentes de retomadas anafóricas de segunda pessoa classificados com base no traço de gênero semântico, excluindo-se ocorrências de <i>te genérico</i> .	36
Tabela 17 – Distribuição de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm a$ , $\pm e$ ].	41
Tabela 18 – Distribuição diacrônica de ONs (vs. pronomes preenchidos) segundo a animacidade e a especificidade do antecedente (Cyrino 1994/1997).	43
Tabela 19 – Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos, pronomes plenos e clíticos em nosso <i>corpus</i> de redações escolares	43

(Schwanke, 2016, p. 49).

Tabela 20 – Antecedentes classificados com base no traço de gênero semântico.	45
Tabela 21 – Ocorrência de ONs e pronomes segundo antecedentes [+a, -e] (adaptado de Creus & Menuzzi 2004, p. 9).	46
Tabela 22– Ocorrência de ONs e pronomes segundo antecedentes [+a, -e].	47
Tabela 23 – Tipos de retomada e seus antecedentes.	48

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das ocorrências de retomadas anafóricas de 3ª pessoa.	40
Gráfico 2 – Distribuição objeto nulo vs. pronome com antecedentes [ $\pm a$ , $\pm e$ ].	41
Gráfico 3 – Antecedentes classificados com base no traço de gênero semântico.	46
Gráfico 4 – Tipos de retomada e seus antecedentes.	48

# SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	7
LISTA DE GRÁFICOS .....	9
INTRODUÇÃO .....	11
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E OBJETIVOS .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Objetivos.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 A Retomada Anafórica.....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 O objeto anafórico: duas estratégias em substituição ao clítico .....</b>	<b>15</b>
<i>1.3.1 O objeto nulo .....</i>	<i>16</i>
<b>1.4 Condicionamentos semânticos.....</b>	<b>18</b>
<i>1.4.1 O traço de animacidade .....</i>	<i>19</i>
<i>1.4.2 O traço de especificidade .....</i>	<i>20</i>
<i>1.4.3 O traço de gênero semântico .....</i>	<i>22</i>
<b>2 O CORPUS E A METODOLOGIA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 O corpus .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Metodologia.....</b>	<b>26</b>
<b>3 ANÁLISE E RESULTADOS.....</b>	<b>322</b>
<b>3.1 Retomadas anafóricas de 1ª e 2ª pessoas .....</b>	<b>32</b>
<b>3.2 Retomadas anafóricas de 3ª pessoa .....</b>	<b>39</b>
<i>3.2.1 Animacidade e especificidade dos antecedentes .....</i>	<i>41</i>
<i>3.2.2 Gênero semântico dos antecedentes .....</i>	<i>466</i>
<i>3.2.3 Síntese .....</i>	<i>50</i>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>524</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A queda do clítico acusativo de terceira pessoa no português brasileiro (PB) tem dado lugar a duas diferentes estratégias de retomada anafórica: o uso de pronome pleno e de objeto nulo. Muitas pesquisas já discutiram a mudança paramétrica desse tipo de retomada anafórica, seja com base em dados de língua escrita (por exemplo, Duarte 1989, Cyrino 1994/1997, Oliveira 2007, Pivetta 2015 entre outros), língua falada (Pinto & Coelho 2016) ou de aquisição da linguagem e linguagem infantil (Casagrande 2007, 2012, Ayres 2016, Ayres & Othero 2016). Este trabalho se concentra no estudo da retomada anafórica do objeto direto em português falado e consiste na análise da amostra de Porto Alegre do *corpus* do VARSUL. O objetivo central é pesquisar a retomada anafórica de objeto direto na variedade falada da língua, considerando a ocorrência de pronomes (clíticos e tônicos) e objetos nulos (ONs), contribuindo para a compreensão dos fatores relevantes na escolha entre uma ou outra estratégia.

Acreditamos que o uso de objeto nulo ou de pronome na retomada anafórica de terceira pessoa seja condicionado pelos traços discursivos e gramaticais do seu referente. Os traços relevantes para a nossa pesquisa são os de [animacidade], [especificidade] e [gênero semântico], já analisados em estudos anteriores como os de Duarte (1989), Cyrino (1994/1997) e Creus & Menuzzi (2004), entre outros.

Nos primeiros estudos sobre o assunto, Duarte (1993) e Cyrino (1993) apontaram o traço de animacidade do referente como explicação para a escolha de uma das duas estratégias de retomada anafórica de terceira pessoa. Posteriormente, Cyrino (1994/1997) indica a combinação do traço de animacidade com o traço de especificidade do antecedente na influência da escolha da estratégia de retomada anafórica. Para ela, um referente classificado com os traços [+animado, +específico] dificilmente seria retomado por meio de um objeto nulo. Creus & Menuzzi (2004, p. 150), por sua vez, entendem que “os efeitos dos traços de animacidade e especificidade mencionados podem ser preditos por uma oposição única: a oposição entre antecedentes que possuem e os que não possuem gênero semântico<sup>1</sup>”. Sua hipótese é que, se o antecedente é marcado negativamente para o traço de gênero semântico, o objeto nulo será usado; se o antecedente possui gênero semântico, o pronome pleno será usado.

---

<sup>1</sup> “Gênero semântico” é entendido aqui como o gênero natural denotado pelo referente. Nesse sentido, referentes como [minha prima], [o João], [meu cachorro Rex] e [a professora] têm gênero semântico. Por outro lado, referentes como [a vítima], [o cônjuge], [a mesa que eu comprei] e [um passarinho verde] não possuem gênero semântico. Falaremos com mais detalhe sobre o gênero semântico na seção 1.4.3.

Levando em consideração as hipóteses de Cyrino (1994/1997) e de Creus & Menuzzi (2004), pretendemos verificar qual delas tem maior poder explicativo, no sentido de explicar o fenômeno da retomada anafórica de objeto em PB de maneira mais acurada. Verificaremos, também, os traços dos referentes de retomada anafórica de primeira e segunda pessoas, a fim de compreender por que a mudança paramétrica (a saber: queda de clítico e progressiva preferência por objeto nulo) acomete apenas (ou de maneira mais proeminente, como veremos) casos da terceira pessoa.

Para atingirmos nossos objetivos, a metodologia de pesquisa escolhida foi o estudo de *corpus* de língua falada, como mencionamos. Foram considerados os dados de retomada anafórica realizada por meio de pronome clítico, pronome pleno e objeto nulo de primeira e segunda pessoas do singular <sup>2</sup>e terceira pessoa do singular e plural. Após a classificação de todos os referentes em relação aos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico, procedemos à combinação dos traços de animacidade e de especificidade para tentar entender o condicionamento da escolha entre o uso de pronome e objeto nulo. Em seguida, a mesma análise foi realizada sob o viés do traço de gênero semântico, isoladamente, para que pudéssemos estabelecer uma comparação entre as duas hipóteses para a explicação do fenômeno em questão.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos nossos objetivos e discutimos os tipos de retomadas anafóricas, apresentando os três traços analisados em nosso estudo e discorrendo sobre a hipótese de Cyrino (1994/1997) referente à combinação dos traços de animacidade e especificidade e a hipótese de Creus & Menuzzi sobre o gênero semântico do antecedente. Na segunda seção, detalhamos a metodologia utilizada na nossa pesquisa. Na terceira seção, dedicamo-nos à análise de dados e aos resultados. Essa seção está dividida em duas subseções, já que analisamos primeiramente as ocorrências de primeira e segunda pessoas e, posteriormente verificamos mais pormenorizadamente o caso de retomada anafórica de terceira pessoa. Na última seção, realizamos as considerações finais do nosso trabalho.

---

<sup>2</sup> Devido ao pouco tempo para a análise, realizamos o estudo apenas com o singular da primeira e segunda pessoas.

# **1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E OBJETIVOS**

Neste capítulo apresentaremos a retomada anafórica no PB e as duas estratégias utilizadas em decorrência da queda do clítico acusativo de terceira pessoa (o, a). Também falaremos sobre os traços que parecem condicionar a escolha da estratégia de retomada anafórica, apresentando duas diferentes hipóteses para o português brasileiro.

## **1.1 Objetivos**

O objetivo central deste trabalho é pesquisar a retomada anafórica de objeto direto em língua falada, considerando a ocorrência de pronomes (clíticos e tônicos) e objetos nulos (ONs), ou seja, uma categoria vazia. Queremos compreender os fatores gramaticais que atuam na distribuição entre pronome *vs.* ON na retomada anafórica do objeto em português brasileiro (PB).

Como veremos no restante deste capítulo, há duas teorias que tentam explicar essa distribuição. Como parte de nosso objetivo central, pretendemos testar ambas as teorias e verificar qual delas tem maior poder explicativo, no sentido de explicar o fenômeno da retomada anafórica de objeto em PB de maneira mais acurada.

## **1.2 A Retomada Anafórica**

A retomada anafórica é uma estratégia do discurso para a retomada de um referente. Monteiro (1994, p. 54) afirma que “essa espécie de relação não se circunscreve ao emprego de pronomes em função substitutiva: para se instaurar um processo anafórico, basta que dois vocábulos tenham identidade referencial”. Para Koch & Marcuschi (1998, p.7), a noção de anáfora “não diz respeito apenas a relações estabelecidas por pronomes, mas por nomes e outras categorias”, como veremos ainda nesta seção. As características principais da anáfora (e que a diferenciam do fenômeno da dêixis, por exemplo), segundo Monteiro (1994), são a fonte de informação e o tipo

de relação estabelecida com o referente. A anáfora remete para o interior do contexto linguístico, consistindo numa relação entre termos que expressam o mesmo referente. Como sintetiza Ayres (2016, p. 13) acerca dos tipos de retomada,

A retomada pode ser **endofórica** (catáfora e anáfora), o que quer dizer que o referente já foi mencionado anteriormente ou que ainda será mencionado no discurso; ou **exofórica** (dêitica), que se refere aos casos nos quais o elemento mencionado está “fora da explicitude do texto”.

Sendo a retomada anafórica por meio de uma categoria vazia o objeto de estudo aqui apresentado, tratamos da anáfora correferencial, que, segundo Cavalcante (2003, p. 5), “abrange qualquer processo em que duas expressões referenciais designam o mesmo referente”. Conforme explicam Haag & Othero (2003, p.3), “em uma relação anafórica, o referente e seu antecedente representam a mesma entidade, por isso eles levam o mesmo índice de correferência, expresso pelo  $i$  subscrito”, como podemos ver nos exemplos<sup>3</sup> abaixo:

- (1) Comprei [dois livros novos]<sub>i</sub> mês passado, mas ainda não os<sub>i</sub> li.
- (2) Vi [o Bruno]<sub>i</sub> no show ontem e nem cumprimentei [o cara]<sub>i</sub>.
- (3) Estava com muita vontade de comer [um brigadeiro]<sub>i</sub>, então fui na lancheria e comprei um<sub>i</sub>.
- (4) Vi [o Pedro]<sub>i</sub> no plantão de matemática ontem, e antes de ir embora chamei [o Pedro]<sub>i</sub>, ele precisa de muita ajuda pra passar na prova.
- (5) Eu nunca fico endividado no fim do mês: assim que chegam [as contas]<sub>i</sub>, eu pago  $\emptyset$ <sub>i</sub>.
- (6) Encontramos [o César]<sub>i</sub> no shopping ontem e cumprimentamos ele<sub>i</sub>.

É possível ver nos exemplos a correlação dos dois termos com o mesmo índice subscrito, além de percebermos que a língua permite o uso de diversos recursos anafóricos, como o clítico acusativo (1), a substituição nominal (2), a elipse do nome do sintagma nominal (SN) (3), a repetição do SN (4), a categoria vazia (5) e o pronome pleno (6). Monteiro (1994, p. 59) afirma que, para a retomada anafórica, “o recurso mais frequente, sem dúvida porque com ele se evitam redundâncias desnecessárias, é a pronominalização. Por este processo, um elemento linguístico atua sobre um outro que

---

<sup>3</sup> Os exemplos de (1) a (11) foram criados pela autora para ilustrar as possibilidades de retomada anafórica. Todos os demais exemplos deste trabalho foram retirados de nosso *corpus*.

lhe é correferencial, transformando-o em pronome.”. No entanto, o próprio autor afirma que se tem verificado uma mudança paramétrica quanto ao uso dos pronomes na retomada anafórica do PB: mantêm-se os clíticos apenas para a retomada de 1ª e 2ª pessoas no português falado; como também demonstra Cyrino (1997), essa já não é a forma preferencial para a retomada anafórica de 3ª pessoa na modalidade da fala. Segundo a autora, desde o século XIX o clítico acusativo de 3ª pessoa é a forma menos usada para a retomada anafórica do objeto direto no PB. Para Galves (2001 *apud* Oliveira, 2007, p. 2), “esse tipo de clítico não é mais produzido pela gramática nuclear da língua, que legitima apenas clíticos de primeira e segunda pessoas”. Amaral (2004) afirma que a retomada anafórica por meio de pronomes clíticos ocorre quase exclusivamente em textos escritos e na fala culta, sendo pouco frequente mesmo entre falantes com maior grau de instrução, informação que vem ao encontro de Nunes (1996), que confere a manutenção dos clíticos de 3ª pessoa à ação normativa da escola.

### **1.3 O objeto anafórico: duas estratégias em substituição ao clítico**

A queda do clítico deu lugar a duas estratégias no PB: o uso do pronome pleno (*ele, ela*) ou o emprego do objeto nulo, que – como vamos demonstrar – vem apresentando crescente ocorrência no português falado. Ainda que pesquisas comprovem a queda dos clíticos concomitantemente com o aumento do emprego do objeto nulo, Cyrino (2013) alerta para o fato de que os dois fenômenos podem ter ocorrido independentemente, embora estejam relacionados – afinal não foram todos os clíticos que caíram no PB. A autora afirma que “há uma generalizada, porém especializada queda de clíticos do PB. Esses clíticos são acusativos e de 3ª pessoa do singular. O mesmo não é possível de se dizer sobre os clíticos acusativos referentes às outras pessoas” (2013, p. 8). Sobre a manutenção dos clíticos acusativos de 1ª e 2ª pessoas, Monteiro (1994) salienta que os pronomes de 1ª e 2ª pessoas têm uma natureza discursiva e social, inserindo-se no escopo da pragmática, e por isso não ocorrem sob a forma de uma categoria vazia. Nunes (1996) também confere a manutenção dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas a fatores fonológicos, como veremos na seção 3.1.

As duas estratégias de retomada anafórica de 3ª pessoa não se encontram em variação livre, mas em distribuição complementar, não categórica, contudo, como veremos. Conforme Ayres (2016, p.15), “a escolha dos falantes pela retomada com

pronome pleno ou objeto nulo não é aleatória; essa escolha se dá por causa de traços semânticos (e talvez discursivos) do referente da anáfora pronominal”. Muitos pesquisadores propuseram uma explicação para essa suposta distribuição relacionada a traços semântico-pragmáticos do referente sendo retomado: Duarte (1993) e Cyrino (1993, 1994/1997) analisam o traço de animacidade do referente como fator condicionante da escolha entre objeto nulo ou pronome pleno. Cyrino (1994/1997) e Schwenter & Silva (2003) também citam como relevante o traço de especificidade do antecedente, combinado com o traço de animacidade. Creus & Menuzzi (2004) e Pivetta (2015) abordam um estudo com base no traço de gênero semântico do antecedente para explicar a distribuição complementar das duas estratégias de retomada anafórica de terceira pessoa aqui analisadas. Nas próximas seções, detalharemos essas hipóteses sobre os fatores que parecem condicionar o uso de um pronome ou de uma categoria vazia (o objeto nulo) na retomada anafórica do objeto em PB.

### ***1.3.1 O objeto nulo***

São muitas as pesquisas que já discutiram, direta ou indiretamente, as possibilidades de substituição do clítico acusativo no português do Brasil (por exemplo, Duarte (1989), Cyrino (1994/1997), Schwenter & Silva (2002), Creus & Menuzzi (2004)). As duas estratégias que vêm sendo utilizadas em substituição ao clítico na retomada de terceira pessoa compreendem o uso de pronome pleno e o emprego da categoria vazia<sup>4</sup>.

Em uma síntese, Pivetta (2015, p. 14) caracteriza cada uma das duas estratégias:

Entende-se por objeto nulo o argumento interno dos verbos que não é realizado lexical ou foneticamente, cujo conteúdo pode ser recuperado por meio do contexto linguístico ou pragmático; e, por pronome pleno, o uso de formas pronominais manifestas para esses mesmos argumentos, especialmente o uso dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa.

Entre as quatro línguas românicas com maior número de falantes (espanhol, português, francês e italiano), o português é a que apresenta o maior número de casos

---

<sup>4</sup> Isso em se tratando de língua falada, a modalidade que analisaremos neste trabalho. Em língua escrita formal, o pronome reto não é um recurso produtivo. O que vemos em língua escrita formal é a ocorrência de pronomes clíticos e objetos nulos (cf. Schwanke 2016).

em que o objeto direto é omitido (Amaral 2004). A partir de levantamento de dados que confirmam essa constatação, Cyrino (1993) ressalta que o parâmetro de retomada anafórica do PB está sofrendo uma importante mudança. A autora salienta que

A teoria gerativa atual, que propõe a Gramática Universal (GU) como um sistema de princípios universais e parâmetros em aberto, os quais podem ser fixados através da experiência linguística, proporciona um campo de pesquisa muito amplo para o estudo da mudança linguística. Se as línguas variam por ter parâmetros de modo diverso, a mudança diacrônica se caracterizaria pela alteração na fixação desses parâmetros. (p. 163)

O fenômeno da mudança acontece gradativamente: algumas construções – no caso, os clíticos – se tornam mais raras, são estruturas menos frequentes, ainda que não totalmente eliminadas dos dados. A redução significativa da frequência da estrutura passa a ser interpretada diferentemente e, a partir da aquisição da linguagem por crianças, ocorre a mudança. Raposo (1986) deu início ao aprofundamento do estudo do objeto nulo no português europeu (PE) e verificou que, nesta variedade da língua, a categoria vazia ocorre em construções específicas, sendo proibida em contextos em que o português brasileiro a permite. Isso pode ser verificado nos seguintes exemplos (de Raposo<sup>5</sup> 1986, *apud* Cyrino 1993, p. 164):

- (7) a. A Joana viu  $\emptyset$  na TV ontem.  
b. A empregada colocou os livros na estante? Sim, ela colocou  $\emptyset$ .  
c. A Maria entregou o dinheiro ao Manuel, mas eu sei de algumas pessoas que nunca teriam entregue  $\emptyset$ .
- (8) a. \*Eu informei a polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado  $\emptyset$  no cofre da sala de jantar.  
b. \*O rapaz que trouxe  $\emptyset$  agora mesmo da pastelaria era teu afilhado.  
c. \*Que a IBM venda  $\emptyset$  a particulares surpreende-me.  
d. \*O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado  $\emptyset$  cuidadosamente no cofre.

Todos os exemplos em (8) são perfeitamente gramaticais no PB, como enfatiza Cyrino (2013), afirmando que o objeto nulo em nossa língua é muito mais livre em

---

<sup>5</sup> Posteriormente, Piveta (2015) traz a atualização dos estudos de Raposo (2004), que revê sua posição em relação ao objeto nulo no português europeu, deixando de considerar algumas sentenças como agramaticais.

comparação ao fenômeno do PE. Além disso, Mileski (2014) atenta para o fato de que, segundo Cyrino & Reich (2002), o objeto nulo pode aparecer no PB mesmo que exista uma distância referencial bastante grande entre o antecedente e a categoria foneticamente nula na posição de objeto.

#### 1.4 Condicionamentos semânticos

O preenchimento ou não da posição de objeto pode ter condicionamentos semânticos, que foram alvo de diversas pesquisas. Nos primeiros estudos sobre o assunto, realizados por Duarte (1993) e Cyrino (1993, 1994/1997), apontou-se o traço de animacidade como principal fator a influenciar a escolha entre as duas possíveis estratégias. Posteriormente passa a analisar-se o traço de especificidade e, mais recentemente, o traço de gênero semântico (Menuzzi & Creus 2004) parece explicar de forma mais econômica a motivação da escolha entre pronome pleno e objeto nulo no PB.

O trabalho de Cyrino (1994/1997) foi a base para muitas outras pesquisas sobre o objeto nulo no PB. O ponto de partida para seus estudos foi a comparação das diferenças existentes entre o PB e o PE no que concerne o uso da categoria vazia para a retomada anafórica. Em seguida, a autora iniciou a análise da retomada anafórica em peças teatrais – que, conforme ela explica, são os dados de escrita mais próximos da língua falada – dos séculos XVIII a XX. A tabela 1 abaixo apresenta os resultados da pesquisa quantitativa realizada pela autora:

Século	Nulas		Preenchidas		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
XVI	31	10.7	259	89.3	290	100
XVII	37	12.6	256	87.4	293	100
XVIII	53	18.5	234	81.5	287	100
XIX	122	45.0	149	55.0	271	100
XX	193	79.1	51	20.9	244	100

Tabela 1 – Distribuição de posições nulas vs. preenchidas (Cyrino, 1994/1997, p. 169).

Observando os clíticos acusativos durante quatro séculos (do século XVI ao século XX), a autora mostra que as posições nulas crescem significativamente, representando 10,7% das retomadas no século XVI, 12,6% no século XVII, 18,5% no século XVIII, 45% no século XIX e surpreendentes 79,1% das retomadas anafóricas no século XX. Seus resultados acrescentam não apenas no que se refere a descobertas sobre o objeto nulo, mas também trazem a análise de formas dativas, reflexivas e clíticos da 1ª e 2ª pessoas.

Buscando verificar a motivação da escolha de retomada anafórica por meio de pronome ou objeto nulo, trazemos a análise dos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico de referentes retirados de nosso *corpus*, que será mais bem apresentado no próximo capítulo. A influência do traço de animacidade apresentou-se como a primeira hipótese levantada para o condicionamento da retomada anafórica, como vimos acima (cf. Duarte 1993 e Cyrino 1993, 1994/1997). Sendo assim, nas próximas subseções apresentamos uma rápida definição de cada traço relevante para este estudo, começando pela animacidade.

#### ***1.4.1 O traço de animacidade***

Duarte (1989) e Cyrino (1994/1997) referem-se ao traço de animacidade do antecedente como um fator condicionador para a escolha entre objeto nulo e pronome pleno, sendo preferência de retomada anafórica por pronome pleno quando o antecedente for [+animado] e preferência pela categoria vazia se o antecedente carregar o traço [-animado], como podemos ver nos seguintes exemplos:

(9) Ontem à tarde fui visitar minha sobrinha. Beijeí muito ela/\*\_\_, estava com saudade.

(10) Alguém já fez o trabalho de física? Eu fiz ??ele/\_\_ ontem e achei ??ele/\_\_ muito difícil.

Em (9), o antecedente *minha sobrinha* recebe o traço [+animado] e, dessa maneira, parece mais natural retomá-lo por meio do pronome pleno *ela*. Em (10), pelo contrário, é controversa a aceitabilidade de retomada de *o trabalho de física* com um pronome pleno: o referente em (10) possui o traço [-animado] e, segundo a hipótese de

Duarte (1989) e Cyrino (1994/1997), essa seria a razão para que fosse retomado por meio de objeto nulo.

O traço de animacidade é designado aos seres que, assim como a espécie humana, apresentam algum tipo de vida – como gatos, cachorros, etc. Ele não pode ser confundido, porém, com o traço [+humano], que não detalharemos neste trabalho. O traço de animacidade, no entanto, não atua como um fator isolado para a ocorrência de pronome pleno ou objeto nulo. Cyrino (1994/1997) afirma que o traço de especificidade do antecedente também se configura como relevante para a escolha em questão. Essa observação veio à tona quando, a partir do século XIX, a autora verifica que o PB passa a favorecer objetos nulos quando o antecedente é também [+específico].

#### ***1.4.2 O traço de especificidade***

A especificidade, ao contrário da animacidade, é um traço discursivo. É necessário analisar o contexto em que o referente ocorre para definirmos se ele será específico ou não. Isso independe, como demonstra Ayres (2016), da presença ou da ausência de artigo definido no antecedente: um referente com artigo indefinido pode ser específico e um antecedente com artigo definido pode não ter uma identificação única no discurso, tendo a marcação *menos* para esse traço. É o que vemos no exemplo abaixo:

(11) *Uma menina* passou por mim e gritou muito alto.

O sintagma nominal *uma menina* é um referente específico na mente do falante, que registrou o momento em que a menina que gritou muito alto passou por ele, e não uma menina qualquer – não tendo implicação na classificação o artigo indefinido que o acompanha. O raciocínio é completo quando percebemos que “um objeto direto é específico se, de acordo com a perspectiva do falante, o referente tem uma única identificação. Caso não haja um único referente, não é específico” (Cyrino, em comunicação pessoal, *apud* Pivetta 2015, p. 57). Compreendido isso, podemos analisar uma frase retirada de nosso *corpus*:

(12) Eu vou tirar a mesa, desmontar [a mesa da sala]<sub>i</sub> e botar Ø<sub>i</sub> no chão. (RS POA 01 MB<sup>6</sup>)

No exemplo (12), o antecedente *a mesa da sala* é [+específico] porque tem uma única identificação sob a perspectiva do falante (é a mesa da sala de sua casa, e não qualquer outra mesa). O exemplo (12), retirado do nosso *corpus* de análise, vai ao encontro dos testes de Cyrino (1994/1997), que constatam que o número de objetos nulos aumenta no século XIX, especialmente com antecedentes [-animado, +específico], como é o caso do nosso exemplo.

Para melhor compreender a combinação do traço de animacidade e especificidade como condicionante da retomada anafórica com pronome pleno ou objeto nulo, vejamos a tabela 2 abaixo, proposta em duas tabelas por Cyrino (1997) e adaptada em uma única tabela por Casagrande (2007):

Século	ON [+a, +e]	ON [-a, +e]	ON [+a, -e]	ON [-a, -e]
XVI	1% (1/78)	5% (3/61)	3% (1/8)	8% (2/26)
XVII	7% (2/31)	3% (2/69)	4% (1/24)	23% (15/61)
XVIII	5% (1/21)	8% (9/99)	0	6% (2/32)
XIX	2% (1/46)	49% (37/75)	0	8% (1/12)
XX	0	87% (64/74)	57% (4/7)	93% (27/29)

Tabela 2 – objetos nulos de acordo com o traço semântico do antecedente (Casagrande, 2007, p. 4).

Tratando especialmente do século XX, podemos perceber que a combinação dos traços de animacidade e especificidade, quando ambos negativos, indicam a preferência clara para o uso de objeto nulo como forma de retomada anafórica. No outro extremo, quando ambos os traços são positivos, o objeto nulo não é utilizado. A dificuldade da utilização dessa combinação de traços para a escolha entre retomada com categoria vazia ou pronome pleno fica exposta quando analisamos a combinação de traços [-a, +e] e [+a, -e], pois ainda que haja uma preferência por objeto nulo para a primeira combinação citada, os 57% de ocorrência da categoria vazia com a combinação [+a, -e] indicam que não há uma polarização clara, relegando o uso do ON, como cita Ayres (2016), praticamente como chance do acaso.

<sup>6</sup> Em todos os exemplos retirados de nosso *corpus*, colocaremos a referência da entrevista de onde a ocorrência está disponibilizada.

A partir da análise dos dados de Cyrino (1994/1997), Creus & Menuzzi (2004) buscaram respostas para entender por que com antecedentes animados não-específicos, [+a, -e], é possível encontrar tanto pronomes plenos quanto objetos nulos, conforme referido acima. Considerando essa combinação de traços do referente ([+a, -e]) como o fator capital na elucidação do sistema do PB, os autores propuseram uma hipótese alternativa acerca dos traços condicionantes do emprego de objeto nulo ou pronome pleno: o gênero semântico do antecedente. A correlação proposta por essa hipótese é a de que um antecedente que possui gênero semântico marcado será retomado por pronome pleno; ao contrário, um referente que não possui gênero semântico será retomado por objeto nulo.

### ***1.4.3 O traço de gênero semântico***

Diferenciando-se do gênero gramatical, o gênero semântico diz respeito à classificação semântica do substantivo e se refere aos substantivos que nomeiam seres com sexo natural identificável. Para que não haja confusão entre as terminologias, Creus & Menuzzi (2004, p. 152) alertam que

O conceito de “gênero gramatical” refere-se à classificação morfossintática dos substantivos, isto é, aquela que determina suas relações de concordância gramatical. Em português, há duas classes morfossintáticas de substantivos, os de “gênero masculino” e os de “gênero feminino”. Estas classes podem ser marcadas pela desinência mórfica do próprio vocábulo, ou somente se manifestam pelo sistema de concordância (com os artigos definidos, por exemplo: *o menino/carro; a menina/mesa; o paciente/problema; a paciente/mão*). Note-se que possuem “gênero gramatical” todos os substantivos do português – não apenas os que denotam referentes animados (*menino, paciente, etc.*) como também os que denotam referentes inanimados (*mesa, problema, etc.*).

Ainda que todos os substantivos tenham gênero gramatical, apenas alguns poucos deles possuirão gênero semântico. Entre os exemplos elencados por Creus & Menuzzi, apenas *o menino, a menina, o paciente e a paciente* possuem o traço [+gênero semântico]. Segundo Creus & Menuzzi, é a noção de gênero semântico que permite “reformular as generalizações básicas do sistema de anáfora de objeto do PB, não mais em termos do traço de animacidade, mas de uma propriedade a ele associada – a presença ou não de gênero semântico” (2004, p. 160). Os autores argumentam que as formas *ele/ela* portam especificações de gênero (retomando, então, referentes com o

traço [+gênero semântico]), enquanto os objetos nulos são justamente não especificados para gênero (retomando, portanto, antecedentes de traço [-gênero semântico]). Tomemos os exemplos abaixo para compreender melhor a questão:

(13) [Meu filho]<sub>i</sub>, ele fica o dia todo lá, ele<sub>i</sub> vai às oito da manhã e cinco e vinte a gente vai buscar ele<sub>i</sub>. (RS POA 27 M)

(14) Nós mesmos que fazíamos [comida]<sub>i</sub>. Cada uma semana um fazia Ø<sub>i</sub>, outra semana outro fazia Ø<sub>i</sub>, então a gente ia se revezando. (RS POA 04 M A GIN)

No exemplo (13), o referente [meu filho] é marcado positivamente para o traço de gênero semântico e é retomado pelo pronome pleno *ele*. Em (14), o traço negativo de gênero semântico do referente [comida] favorece a retomada anafórica por meio de um objeto nulo.

O estudo de Creus & Menuzzi consistiu em um teste realizado com 13 falantes, alunos de mestrado em linguística na PUCRS. O teste tinha a seguinte orientação: “marque a opção que você considera a mais natural, espontânea e usual na conversação coloquial. Se as duas possibilidades forem igualmente boas, marque ambas” (Creus & Menuzzi, p. 163). As frases eram as seguintes:

- a) Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo {\_\_/ela}.
- b) Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou {\_\_/ele}.
- c) Toda vez que o Márcio percebe que sua filha teima, ele repreende {\_\_/ela}.
- d) Olha aqui: se eu me deparasse com uma menina bem bonita, eu beijava {\_\_/ela}.
- e) Quando aquele rapaz loiro passou por aqui, a minha prima cumprimentou {\_\_/ele}.
- f) Se eu encontrar um profissional capaz de fazer isso, eu contrato {\_\_/ele} na hora.
- g) Quando viu alguns turistas que estavam jogando lixo nas ruas, o policial xingou {\_\_/eles}.

A partir da leitura das frases, os participantes deviam assinalar qual opção era a *mais natural*, sendo que ambas poderiam ser marcadas conjuntamente caso se julgasse necessário. Os antecedentes presentes nas frases foram classificados por Creus & Menuzzi de acordo com a presença ou ausência de gênero semântico ([±gs]), conforme vemos na tabela abaixo:

<b>Frases-Teste</b>	<b>Antecedentes</b>	<b>Classe</b>
(a) e (f)	<i>alguma pessoa cega, um profissional</i>	[+a, -e, -gs]
(b) e (d)	<i>um menino, uma menina</i>	[+a, -e, +gs]
(c) e (e)	<i>sua filha, aquele rapaz</i>	[+a, +e, +gs]
(g)	<i>alguns turistas</i>	[+a, -e, -gs]

Tabela 3- Distribuição das frases-teste por categorias de antecedentes (Creus & Menuzzi, 2004, p. 164).

Os resultados alcançados a partir do teste também foram sintetizados em uma tabela:

<b>Classe do Antecedente</b>	<b>Objetos Nulos</b>	<b>Pronomes Plenos</b>
[+a, -e, -gs]	24/37 (64,9%)	13/37 (35,1%)
[+a, -e, +gs]	09/31 (29,0%)	22/31 (71,0%)
[+a, +e, +gs]	08/31 (25,8%)	23/31 (74,2%)
ant. da frase (g)	09/16 (56,3%)	07/16 (43,7%)

Tabela 4 – Ocorrências de ONs e PrPIs segundo o tipo de antecedente (Creus & Menuzzi, 2004, p. 164).

Analisando a tabela 4, percebe-se que os antecedentes [+a, -e] não formam uma classe natural, como já havia indicado o trabalho de Cyrino. Além disso, a alta porcentagem de retomada por meio de pronome pleno quando o antecedente tem o traço [+gs] indica a formação de uma classe natural, em oposição aos [-gs]. O teste apresentou resultados relevantes, porém parece ter três limitações, conforme indicam Othero et al (2016, p. 5):

- (i) o teste foi feito com poucos falantes (apenas 13);
- (ii) o teste foi feito com falantes com algum conhecimento em Linguística, sintaxe e gramática (mestrandos em Linguística);
- (iii) o teste deixou claro seu objetivo aos informantes (julgar frases com pronome *versus* com objetos nulos).

Considerando os resultados de Creus & Menuzzi para o gênero semântico, bem como os de Duarte (1993), Cyrino (1994/1997) para os traços de animacidade e especificidade, neste trabalho visamos analisar o condicionamento da retomada anafórica por meio de pronome ou objeto nulo na modalidade oral da língua. O *corpus* para isso utilizado foi o do VARSUL, que será mais bem detalhado no capítulo subsequente.

## **2 O CORPUS E A METODOLOGIA**

Neste capítulo, explicaremos a metodologia da nossa pesquisa, que consiste na análise de *corpus* de língua falada. O *corpus* analisado faz parte do acervo base do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil).

### **2.1 O corpus**

O projeto VARSUL promove a descrição do português falado e escrito da região sul do Brasil por meio da parceria com quatro universidades brasileiras, quais sejam: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). O acervo base do projeto constitui-se de 288 entrevistas distribuídas igualmente entre os estados da região sul, sendo realizadas 24 entrevistas em cada município participante. Criado no ano de 1982 a partir da proposta da professora Leda Bisol, este projeto busca proporcionar subsídios para a descrição da língua falada no Brasil, de maneira a criar condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas, promovendo o conhecimento das variedades linguísticas (cf. Bisol, Menon & Tasca 2008, Collischonn & Monaretto 2012, Bisol & Monaretto 2016).

O *corpus* analisado neste trabalho é composto por 19 entrevistas realizadas na cidade de Porto Alegre entre os anos de 1990 e 1999. Os critérios de eleição dos entrevistados para o projeto VARSUL levam em consideração as características sociais sexo, escolaridade (nível fundamental I – de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II – de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio – de 9 a 11 anos de escolaridade) e idade (25 até 50 anos e acima de 50 anos). Além de enquadrarem-se nos critérios sociais, os informantes devem ter morado pelo menos 2/3 de sua vida na cidade em que ocorreu a entrevista (no caso, Porto Alegre) e não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua.

As 19 entrevistas a que tivemos acesso, com 19 diferentes informantes acima de 25 anos, totalizam 388 páginas de língua falada transcrita, com um total de 112.415 palavras. Nosso primeiro trabalho foi ler todas as entrevistas transcritas e assinalar todas as retomadas anafóricas de objeto com pronomes ou objetos nulos (ONs). Ao mesmo

tempo, identificamos os sintagmas nominais (SNs) antecedentes e os classificamos de acordo com os traços de animacidade, especificidade e gênero semântico. Na próxima seção, detalharemos essa etapa da pesquisa.

## 2.2 Metodologia

Como vimos, este estudo consiste na análise de *corpus* de língua falada, composto por diálogos entre entrevistador e entrevistado, tratando-se, portanto, de amostras de fala espontânea. Realizamos a análise da transcrição de cada uma das 19 entrevistas no tocante à retomada anafórica não apenas da 3ª pessoa (singular e plural), mas também das primeira e segunda pessoas do singular. Foram considerados os dados de retomada anafórica realizada por meio de pronome clítico, pronome pleno e objeto nulo, como mostramos nos exemplos abaixo, retirados do nosso *corpus*:

Pronome clítico:

(15) Naquele tempo isso aí – você enxergava [o Guaíba]<sub>i</sub>. Hoje o muro o<sub>i</sub> tapou.  
(RS POA 01 M B)

Pronome pleno:

(16) [A guria]<sub>i</sub> disparou. Fui encontrar ela<sub>i</sub> na pensão, que a pensão ficava umas quatro quadras “numa” rua reta lá. (POA 01 M B)

Objeto nulo:

(17) Olha, eu soube de [um assalto]<sub>i</sub> que teve ali na casa de um – ali na casa do doutor Júlio, mas eu não vi Ø<sub>i</sub> pra poder contar. (RS POA 25 F B GIN)

Ainda que tenhamos encontrado outros modos de retomada (SN repetido, por exemplo, como em *Eu pego [a carne] e eu preparo ela, né. Eu tiro as pelezinhas, tudo, porque aquelas peles deixam [a carne] dura, né?*), consideramos e registramos apenas as três formas mencionadas acima devido a um dos objetivos centrais de nosso trabalho, a saber: verificar o condicionamento da escolha entre objeto nulo ou pronome para a retomada anafórica.

Analisamos os referentes de cada retomada anafórica encontrada, de modo a classificá-los quanto aos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico,

atribuindo um valor de mais (+) ou menos (-) para cada um deles. Outros traços não foram analisados porque, conforme a literatura estudada, esses seriam os três traços condicionantes do tipo de retomada anafórica e a intenção é comparar as duas diferentes teorias apresentadas.

Como alerta Ayres (2016, p.26), “é importante analisar cada referente dentro de seu contexto, pois o valor de cada um dos traços pode mudar em cada uma das ocorrências”. Podemos perceber a influência do contexto na definição do traço de especificidade abaixo, por exemplo, em dois trechos retirados do nosso *corpus*<sup>7</sup>:

[Especificidade]

(18) Em seguida que eu me formei eu fiz um concurso. \*Passei, nunca me chamaram. \*Aí, na época, eu fiquei sabendo depois de um que estavam contratando gente. \*[As pessoas que tinham passado]<sub>i</sub> eles estavam contratando em vez de nomear Ø<sub>i</sub>, né. (RS POA 31)

(19) Tem [pessoas]<sub>i</sub> que vão pra ali com uma carga enorme de problema, pessoas assim em desespero, pessoas que não têm mais o que recorrer, e vão pra lá e a gente procura assim confortar Ø<sub>i</sub> e consolar Ø<sub>i</sub> e mostrar que Jesus liberta. (RS POA 02 F B SEG)

Na primeira frase, o SN *as pessoas que tinham passado* é [+específico] porque se refere às pessoas aprovadas no concurso, faz menção apenas às pessoas que passaram no concurso do qual o entrevistado estava falando. Já na segunda frase, o SN em destaque é classificado como [-específico] porque o entrevistado está falando de pessoas em geral que se dirigem à igreja. Ainda que se diga que são pessoas com problemas e necessidades, o SN é classificado com o traço negativo para especificidade porque não existe, para o falante, uma única identificação do referente. Com esse exemplo é possível perceber que o mesmo núcleo (no caso, *pessoas*) podem ser classificado de maneiras diferentes de acordo com o seu contexto. Análises e reflexões semelhantes foram realizadas acerca dos demais traços também, para que cada referente fosse classificado de acordo com o seu emprego na fala, como vemos abaixo:

---

<sup>7</sup> Nos exemplos que mostramos aqui, retirados do *corpus*, mantemos a notação original, com símbolos como o asterisco, parênteses, etc.

[Animacidade]

(20) Então, eu acho assim que os portugueses, por exemplo, a gente sente assim, eles têm um carinho muito especial pelos [brasileiros]<sub>i</sub>, eles adoram Ø<sub>i</sub>. (41. TXT)

(21) Que o bom era sair com [roupas descartáveis]<sub>i</sub>, em qualquer lugar tu vais largando Ø<sub>i</sub> e vais comprando Ø<sub>i</sub>, né? (41. TXT)

Na sentença (20), o SN *brasileiros* é marcado positivamente para o traço de animacidade, afinal faz referência à espécie humana e, mais do que isso, apresenta vida. Já no exemplo (21) o SN *roupas descartáveis* não é dotado de nenhum tipo de vida, sendo marcado com o traço [-animado].

[Gênero Semântico]

(22) E [a Maria]<sub>i</sub> trabalha aqui na casa? \*Há muitos anos, muitos anos. Criou essa criançada toda aí. Eu conheci ela<sub>i</sub> aqui. (POA 03 M A PRI)

(23) A educação no Brasil está uma coisa muito séria mesmo, as escolas são um absurdo ou tu pagas, se sujeita a pagar uma fortuna pra botar [o teu filho]<sub>i</sub> numa escola particular que às vezes também não te dá tudo que tu estás esperando, né, que a criança espera, ou tu colocas Ø<sub>i</sub> numa escola pública e a criança não tem oportunidade de nada. (POA 12 F A PRIM)

Na sentença (22), o SN *a Maria* é marcado positivamente para o traço de gênero semântico, pois *a Maria* é um ser de sexo natural identificável. O exemplo (23) apresenta uma situação diferente, em que o referente também é humano e animado, porém não é marcado com gênero semântico. O SN *o teu filho* recebe o traço [-gênero semântico] porque não se refere ao filho de alguém em especial (o falante nem tem filhos), mas sim a uma generalização. Isso faz-nos perceber que nem todos os referentes humanos serão classificados com gênero semântico marcado.

Depois de lidas todas as entrevistas e identificadas as retomadas anafóricas de terceira pessoa (singular e plural) e primeira e segunda pessoas no singular, listamos os antecedentes encontrados separando-os de acordo com o tipo de retomada anafórica utilizado pelo falante. Monteiro (1994, p. 173) afirma que “as investigações sobre as formas de atualização do objeto direto anafórico não se restringem aos aspectos

linguísticos que o problema envolve. Elas se voltam igualmente para a análise dos condicionamentos sociais (...)” (p. 173). Por meio de testes estatísticos, o pesquisador realizou a análise dos dados sob o viés da influência do registro, da diversidade regional, do sexo e da faixa etária.

A pesquisa de Monteiro traz o registro como o fator de maior peso para a variação do emprego de pronomes e objeto nulo para retomada anafórica, afirmando que “apesar de reduzida, a probabilidade de ocorrência do objeto direto anafórico (0,12) face à categoria vazia, se ele ocorrer, será muito mais provavelmente no registro formal (0,74) do que no informal (0,45)” (1994, p. 175). Podemos observar os dados obtidos segundo sua tabela:

Registro	Objeto direto	Clítico acusativo	Pronome <i>ele</i>	Objeto nulo
	Formal (Elocução Formal)	29	1	70
	Informal (Diálogo Interlocutor-Documentador)	8	3	89
	Total	11	3	86

Tabela 5 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico de acordo com o registro (Monteiro, 2004, p. 175).

A explicação dada por Monteiro para os resultados da tabela acima é que

à medida que cresce o grau de tensão na linguagem culta, mais intensa deve ser a preocupação com o uso dos clíticos, em consonância com a prescrição da gramática (...). O registro formal tende a respeitar o conservadorismo nas estruturas linguísticas muito mais do que na fala espontânea. (1994, p. 176)

Ainda que tenham sido registradas mais retomadas anafóricas por meio de pronomes átonos na elocução formal (algo já esperado), a incidência de objetos nulos já mostra o avançado estágio em que se encontrava o recurso já na pesquisa de Monteiro (1994). Outro fator social analisado nos testes do autor foi a diversidade regional.

A pesquisa realizada em 5 capitais brasileiras confirmou o baixo índice de emprego do pronome *ele* para retomada anafórica, considerado até então um erro pelas gramáticas normativas. Recife foi a capital onde menos se apagou o pronome objeto e onde o clítico se manteve em um número maior de ocorrências, como podemos ver na tabela abaixo, retirada de Monteiro (1994):

Cidade \ Objeto direto	Clítico acusativo	Pronome <i>ele</i>	Objeto nulo
Recife	24	3	73
Porto Alegre	14	2	84
Rio de Janeiro	10	3	87
Salvador	8	4	88
São Paulo	5	1	94
Total	11	3	86

Tabela 6 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico de acordo com a localidade (Monteiro, 2004, p. 177).

Chama a atenção na tabela 6 a taxa de apagamento do pronome em São Paulo, que chega a 94%. O pronome *ele* como objeto direto é bem inferior à taxa de clíticos em todas as cidades pesquisadas, da mesma forma que indicado na tabela 5 sobre o tipo de registro.

O sexo foi o terceiro fator selecionado como fonte de variação para a pesquisa de Monteiro. O autor concluiu que “os homens empregam os pronomes objetos um pouco mais do que as mulheres, que por conseguinte os apagam em proporção maior” (1994, p. 177). Ainda que os números da tabela 7 abaixo levem a essa conclusão, a diferença entre os gêneros é baixíssima, fazendo-nos crer que não é conclusiva tal relação.

Sexo \ Objeto direto	Clítico acusativo	Pronome <i>ele</i>	Objeto nulo
Masculino	12	3	73
Feminino	10	2	84
Total	11	3	87

Tabela 7 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico de acordo com o sexo (Monteiro, 2004, p. 177).

O quarto e último fator selecionado por Monteiro (1994) foi a idade, que, como já adianta o autor, não permite tirar qualquer lição sobre a variação de emprego do pronome e do objeto nulo. Conforme se pode perceber na tabela abaixo, os percentuais de apagamento são muito próximos:

Idade \ Objeto direto	Clítico acusativo	Pronome <i>ele</i>	Objeto nulo
25-35	11	3	86
36-55	8	3	89
56-70	15	2	83
Total	11	3	86

Tabela 8 – Percentuais de atualização do objeto direto anafórico em função da faixa etária (Monteiro, 2004, p. 177).

Após o estudo dos quatro fatores sociais supracitados, Monteiro (1994, p. 179) conclui que

A interação de todos os grupos de fatores sociais aqui estudados só não selecionou como relevante a faixa etária. A variação no emprego ou apagamento dos pronomes objetos é, por conseguinte, condicionada por variáveis de ordem social, cuja ordem de importância reiteramos: o tipo de registro, a localidade, o sexo e, em último lugar, a faixa etária.

Ainda que o autor conclua que as variáveis de ordem social condicionam a variação no emprego e no apagamento dos pronomes objetos, a pesquisa não pareceu confirmar categoricamente a influência dessas variáveis para a escolha entre objeto nulo e pronomes. Os resultados encontrados parecem ser pouco significativos devido à ausência de um contraste relevante entre os fatores comparados, mostrando que provavelmente os fatores sociais já não sejam decisivos para o uso predominante do objeto nulo. Os condicionamentos sociais não foram considerados em nosso trabalho por não os julgarmos relevantes. Além do mais, nosso *corpus* é mais homogêneo do que aquele pesquisado por Monteiro (1994): temos apenas dados de fala de informantes de Porto Alegre, mais ou menos com a mesma faixa etária, classe social e nível de escolaridade (cf. Bisol, Menon & Tasca, 2008; Collischonn & Monaretto 2012).

### 3 ANÁLISE E RESULTADOS

Este capítulo aborda a análise dos dados encontrados nas 19 entrevistas analisadas por nós a partir do Banco de Dados do VARSUL e apresenta os resultados do nosso estudo. Identificamos 279 ocorrências de retomada anafórica de terceira pessoa, 85 retomadas anafóricas da primeira pessoa do singular e 12 ocorrências de retomada anafórica da segunda pessoa do singular, totalizando 376 ocorrências de retomadas anafóricas com pronomes ou categorias vazias em função de objeto direto. Podemos visualizar melhor esse número na tabela 9 abaixo:

	Ocorrências	Porcentagem
1ª pessoa	85	22,6%
2ª pessoa	12	3,2%
3ª pessoa	279	74,2%
Total de ocorrências	376	100%

Tabela 9 – Total de ocorrências de retomadas anafóricas no *corpus*.

Começaremos este capítulo com a análise da retomada anafórica de primeira e segunda pessoas e partiremos para uma análise mais detalhada da terceira pessoa, já que, como apontado no primeiro capítulo deste trabalho, é nesse ambiente que se está evidenciando a troca paramétrica do português brasileiro. Organizamos este capítulo da seguinte maneira: a seção 3.1 traz as retomadas anafóricas de 1ª e 2ª pessoas; a seção 3.2 é dedicada para a retomada anafórica de 3ª pessoa, separada a partir das duas hipóteses comparadas neste trabalho (a saber: combinação dos traços de animacidade e especificidade e a hipótese do gênero semântico);

#### 3.1 Retomadas anafóricas de 1ª e 2ª pessoas

Ao realizar a análise de retomada anafórica de primeira e segunda pessoas do singular, encontramos 97 ocorrências, sendo 85 ocorrências de primeira pessoa e apenas 12 de segunda pessoa. Entre os resultados encontrados para a primeira pessoa, obtivemos 80 ocorrências de retomada anafórica por meio de clítico, 4 retomadas por

meio de objeto nulo e apenas 1 com pronome pleno, como se vê na tabela 10, que vem logo abaixo dos exemplos retirados do *corpus*:

Objeto nulo:

(33) Bom, eu já trabalhava, e uns vizinhos meus tinham casa em Guaíba, na praia da Florida, e esses vizinhos tinham uma moça, e a moça estava achando muito monótono ir com os pais pra lá. Aí ela convidou  $\emptyset$ . Como eu tinha férias, mas não tinha rumo, eu fui e passei uns dias com eles. (RS POA 26 F B SEG)

Pronome pleno:

(34) A minha irmã mais velha que criou *eu*. (RS POA 27 M)

Pronome clítico:

(35) Em seguida que eu me formei eu fiz um concurso. Passei; nunca *me* chamaram. (RS POA 31)

	Ocorrências	Porcentagem
ON	4	4,7%
Pronome pleno	1	1,2%
Pronome clítico	<b>80</b>	<b>94,1%</b>
Total de ocorrências	85	100%

Tabela 10 – Total de ocorrências de retomadas anafóricas de primeira pessoa no *corpus*.

Os resultados encontrados para a primeira pessoa se diferem radicalmente dos de terceira pessoa (que apresentaremos na próxima subseção) por serem aqui os pronomes clíticos os preferidos para a retomada anafórica (94,1% dos casos). A princípio, poderíamos dizer que não há necessidade de justificar a maior ocorrência de clíticos entre as retomadas anafóricas de primeira e segunda pessoas do singular, afinal essa é a forma de retomada estabelecida como parâmetro do PB (é por isso que, ao verificarmos a maior ocorrência de objeto nulo em terceira pessoa, falamos em uma mudança paramétrica)<sup>8</sup>. Realizamos a análise dos traços dos referentes de cada retomada

<sup>8</sup> Cf. Othero & Cardozo (no prelo) sobre a estratégia de manutenção dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas em PB e uma possível mudança nesse paradigma.

anafórica e os separamos de acordo com as duas hipóteses de condicionamento aqui apresentadas: a combinação dos traços de animacidade e especificidade e a análise a partir do traço de gênero semântico. Os resultados obtidos encontram-se nas tabelas abaixo:

Traços do referente	Objeto Nulo	Pronome Pleno	Pronome Clítico	Total
[+a, +e]	4 (4,7%)	1 (1,2%)	80 (94,1%)	85 (100%)
[+a, -e]	0	0	0	0
[-a, +e]	0	0	0	0
[-a, -e]	0	0	0	0

Tabela 11 – Distribuição, para primeira pessoa, de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm a$ ,  $\pm e$ ].

Traços do referente	ON	Pronome Pleno	Clítico	Total
[+gs]	4 (4,7%)	1 (1,2%)	80 (94,1%)	85 (100%)
[-gs]	0	0	0	0

Tabela 12 – Antecedentes de retomadas anafóricas de primeira pessoa classificados com base no traço de gênero semântico.

Como é possível perceber a partir das tabelas, não encontramos diferença ao comparar as duas hipóteses para o condicionamento da escolha de pronome vs. objeto nulo na primeira pessoa do singular: a combinação dos traços [ $\pm a$ ,  $\pm e$ ] traz o mesmo resultado da análise realizada a partir do traço [ $\pm gs$ ], que é a preferência pela retomada com pronome clítico. Ou seja, na retomada anafórica de primeira pessoa do singular (“eu”), sempre sabemos que o antecedente é, ao mesmo tempo, *animado*, *específico* e que possui *gênero semântico*. Isso faz com que essa retomada seja preferencialmente feita por pronomes (em contraste com ONs): 95,3% dos casos (contra apenas 4,7% ocorrências de ON).

Nos dados de segunda pessoa, também verificamos a preferência da retomada por clíticos, porém a distribuição dos traços dos referentes foi um pouco diferente devido a uma ocorrência significativa do chamado *te genérico*, como vemos nos exemplos e nas tabelas 13 e 14 a seguir:

Objeto nulo:

(36) Aquela banca tinha assim eram três professores examinando, tirava a questão, um ponto sorteado, e *tu* sentavas pra ficar pensando, aí então eles  $\emptyset$  chamavam e tu passavas pelos três, cada um com uma das questões do ponto, né? (RS POA 31)

Pronome clítico<sup>9</sup>:

(37) Ameaça de morte eu tive um monte, mesmo. “Porque eu vou *te* matar, vou fazer isso, vou fazer aquilo”. Por enquanto não vieram. E pelo jeito não vão vir também tão cedo.

Pronome clítico<sup>10</sup>:

(38) Se *tu* chegas bastante mal, eles *te* atendem. Tu chegas atropelado, tu chegas aos berros com um apêndice supurando, qualquer coisa assim, tu és atendido.

Traços do referente	Objeto Nulo	Pronome Pleno	Pronome Clítico	Total
[+a, +e]	0	0	7	7
[+a, -e]	1	0	4	5
[-a, +e]	0	0	0	0
[-a, -e]	0	0	0	0

Tabela 13 – Distribuição, para segunda pessoa, de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm$ a,  $\pm$ e].

<sup>9</sup> Todas as ocorrências de pronome clítico de segunda pessoa que **não** são *te genérico* são provenientes de perguntas do entrevistador ao entrevistado (ex.: “tem alguma coisa que tenha acontecido durante a tua infância que tu não tenhas esquecido, que tenha *te* marcado, que tu lembres até hoje?” – aqui **não** temos *te genérico*) ou de falas reportadas pelos entrevistados, conforme o exemplo (37).

<sup>10</sup> Neste exemplo temos uma amostra do *te genérico*, que posteriormente foi deixado de lado em nossa análise.

Traços do referente	ON	Pronome Pleno	Clítico	Total
[+gs]	0	0	7	7
[-gs]	1	0	4	5

Tabela 14 – Antecedentes de retomadas anafóricas de segunda pessoa classificados com base no traço de gênero semântico.

Para melhor visualizar os dados, optamos por reconstruir as tabelas 13 e 14 sem as ocorrências de *te genérico*. Essas ocorrências<sup>11</sup> provocaram a classificação do antecedente como [+a, -e, -gs] mesmo quando o falante relatava uma lembrança pessoal, vivida de fato pelo entrevistado. Nesses casos, não fica claro se o falante pensa em sua pessoa ao relatar a lembrança (o que ocasionaria uma classificação [+a, +e, +gs]) ou se se refere aleatoriamente a qualquer pessoa do mundo, o que põe em dúvida a classificação da ocorrência como retomada anafórica.

Reanalizando os dados após a exclusão das citadas ocorrências, vemos que, assim como na análise de primeira pessoa, não há diferença quando comparadas as duas hipóteses de explicação para o condicionamento entre pronomes e objetos nulos.

Traços do referente	Objeto Nulo	Pronome Pleno	Pronome Clítico	Total
[+a, +e]	0	0	7	7
[+a, -e]	0	0	0	0
[-a, +e]	0	0	0	0
[-a, -e]	0	0	0	0

Tabela 15 – Distribuição, para segunda pessoa, de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm a, \pm e$ ], excluindo-se ocorrências de *te genérico*.

<sup>11</sup> As ocorrências com *te genérico* foram as seguintes:

- (a) “Ah, *tu* és gaúcho, ah, que ótimo, a gente aqui adora gaúcho”. Então *te* tratam super bem.
- (b) “É, baiano também é filho de Deus, baiano tem que ir pra praia”. E vão mesmo, fazem festa na beira da praia, vão, *te* tiram pra dançar, né?”
- (c) “*Tu* fica à vontade, o nosso garçom está indo lá oferecer pra ti bebida, se tu quiseres, se tu precisares”, que é o que eles fazem lá em cima, né? Eles *te* levam pra praia, eles *te* dão cadeira, eles *te* dão guarda-sol.
- (d) Se *tu* chegas bastante mal, eles *te* atendem. Tu chegas atropelado, tu chegas aos berros com um apêndice supurando, qualquer coisa assim, tu és atendido.
- (e) Aquela banca tinha assim eram três professores examinando, tirava a questão, um ponto sorteado, e *tu* sentavas pra ficar pensando, aí então eles  $\emptyset$  chamavam e tu passavas pelos três, cada um com uma das questões do ponto, né? (objeto nulo)

Traços do referente	ON	Pronome Pleno	Clítico	Total
[+gs]	0	0	7	7
[-gs]	0	0	0	0

Tabela 16 – Antecedentes de retomadas anafóricas de segunda pessoa classificados com base no traço de gênero semântico, excluindo-se ocorrências de *te genérico*.

Todas as retomadas de segunda pessoa realizadas com pronome têm o referente classificado como [+a, +e, +gs] porque se referiam diretamente ao entrevistado (como explicamos na nota de rodapé número 9) ou a um ser humano conhecido do falante que reportava a fala. Assim sendo, observamos a impossibilidade de confirmar, por meio da análise da primeira e segunda pessoas, se a combinação dos traços [ $\pm$ a,  $\pm$ e] ou o traço [ $\pm$ gs] é a hipótese mais adequada para explicar o condicionamento do uso de pronomes ou objetos nulos, afinal ainda se mantém a preferência pela retomada por meio de pronome clítico.

Buscando uma razão para a manutenção dos clíticos como forma preferível de retomada anafórica de primeira e segunda pessoas, verificamos com Monteiro (1994) que a questão sobre pessoalidade e a natureza discursiva e social das formas *eu* e *tu* podem dar-nos indícios da (quase) impossibilidade de referir-se à primeira e à segunda pessoas com uma categoria vazia. Sobre a questão da pessoalidade, à qual não vamos nos ater neste trabalho, Monteiro (1994, p. 33) afirma que

Só existem de fato duas pessoas no ato comunicativo: a que fala e a que ouve. A terceira possui natureza e funções diferentes e tanto se reporta a seres vivos como a coisas ou abstrações. Assim é que Benveniste (1974a) considera um paradoxo colocar-se numa ordem constante e no mesmo plano os pronomes *eu*, *tu* e *ele*, como se a categoria de pessoa fosse definível por três termos. A terceira pessoa rompe a simetria do sistema e se refere a objetos situados fora da enunciação (a relação mediante a qual *eu* e *tu* se especificam). Por isso, Benveniste a qualifica de *não-pessoa*.

Entendendo que “os pronomes de primeira e de segunda pessoa têm uma natureza discursiva e social, inserindo-se no escopo da pragmática” (Monteiro, 2004, p.46), pensamos que é por essa natureza discursiva e social que quase não há objeto nulo de primeira e segunda pessoas. Além disso, essa predominância de pronomes na retomada anafórica de 1ª e 2ª pessoas é respaldada pelas teorias que estamos contrastando neste trabalho (cf. Cyrino, 1994/1997 e Creus & Menuzzi 2004), uma vez

que, como já antecipamos acima, a combinação dos traços [+a, +e] e a presença do traço [+gs] no antecedente favorecem a retomada anafórica por meio de pronome.

Finalmente, um outro argumento que explica a predominância da retomada anafórica pronominal nos casos de 1ª e 2ª pessoas (em contraste com a estratégia do objeto nulo, que predomina quando analisamos os casos de retomada anafórica de 3ª pessoa) vem de Nunes (1996) e Othero & Cardozo (no prelo). Esses estudos mostram como os clíticos *não* estão desaparecendo em PB em todo sistema pronominal, mas apenas na 3ª pessoa, por conta de uma série de propriedades estritamente gramaticais, como a ausência de *onset* silábico apenas nos clíticos de 3ª pessoa (*o*, *a*), mas não nos de 1ª e 2ª (*me*, *te*), a mudança na direção de cliticização em PB, etc. (cf. Nunes, 1996 e Othero & Cardozo, no prelo, para detalhes).

Como dissemos, Nunes (1996) estudou a mudança paramétrica da retomada anafórica de terceira pessoa e a manutenção dos clíticos de primeira e segunda pessoas sob um viés fonológico. Ainda que não nos aprofundemos nessa questão, parece-nos relevante trazer sua contribuição para explicar o desaparecimento dos clíticos acusativos de terceira pessoa. Segundo ele, a queda do clítico de terceira pessoa em PB decorre “de uma mudança na direção de cliticização fonológica ocorrida no século passado [XIX], que impossibilitou o licenciamento da sílaba dos clíticos acusativos de terceira pessoa” (p. 208). O autor compara a direção da cliticização do português brasileiro com o europeu, que ocorre da direita para a esquerda, e traça a origem dos clíticos acusativos de terceira pessoa:

Os clíticos acusativos de terceira pessoa no português desenvolveram-se a partir dos pronomes demonstrativos latinos *illum/illam/illud*. Ao contrário da maioria das outras línguas românicas em que os clíticos acusativos de terceira pessoa preservaram o /l/ dos demonstrativos latinos (v.g. francês: *le*; espanhol: *lo*), o português parece ter perdido o *onset* da sílaba do clítico, o que deu origem às formas superficiais *o(s)*, *a(s)*. No entanto, o fato de essas formas poderem superficializar-se como *lo(s)*, *la(s)* ou *no(s)*, *na(s)* depois de algumas formas verbais pode estar indicando que, na verdade, a sílaba desses clíticos tenha um *onset* subjacente. (Nunes, 1996, p. 208)

Enquanto o português europeu manteve a direção de cliticização, provendo “maneiras para que a sílaba do clítico tenha seu *onset* licenciado” (p. 209), Nunes (1996) afirma que há uma inovação do dialeto brasileiro: “no português brasileiro atual a direção de cliticização fonológica claramente é da esquerda para a direita” (p. 214), como demonstram os exemplos do autor:

- a. Já *te*-vi.
- b. João vai *te*-ver.

- c. João tinha *me*-visto.
- d. Vamos *nos*-encontrar.

A mudança da direção da cliticização no PB deu-se, conforme Nunes (1996), no começo do século XIX. Segundo ele,

Uma vez que as crianças do início do século XIX adquiriram um sistema com cliticização fonológica da esquerda para a direita, não havia meio de o *onset* da sílaba dos clíticos acusativos de terceira pessoa ser licenciado. [...] Entre introduzir novas regras para licenciar o onset da sílaba dos clíticos e adquirir uma gramática sem clíticos acusativos de terceira pessoa, as crianças do início do século optaram por esta última possibilidade. Esse sistema inovador, por sua vez, abriu caminho para duas novas construções que substituíram a antiga construção com clíticos acusativos de terceira pessoa: construções com objeto nulo e construções com pronome tônico na posição de objeto direto. (p. 216)

A internalização do sistema com cliticização fonológica da esquerda para direita apresentada por Nunes (1996) e rapidamente resumida aqui legitimou “o surgimento tanto da nova construção com objeto nulo, quanto da construção com pronome tônico na posição de objeto” (p. 217). Sabendo que a retomada anafórica de terceira pessoa ocorre com uma dessas duas estratégias, na próxima seção analisaremos quais traços do referente são relevantes para a escolha entre o uso de objeto nulo ou de pronome pleno, buscando descobrir a melhor hipótese para definir tal escolha.

### 3.2 Retomadas anafóricas de 3ª pessoa

Analisando os dados do nosso recorte de *corpus* do VARSUL (19 entrevistas, como vimos), encontramos 279 ocorrências de retomada anafórica de terceira pessoa. Dessas, 218 foram retomadas com objeto nulo, 51 ocorrências foram registradas com pronome pleno e apenas 10 clíticos foram encontrados, como vemos exemplos abaixo:

Objeto nulo:

- (24) É o grupo escolar Evarista Flores da Cunha, que é o nome da mãe do General José Antônio Flores da Cunha, que na oportunidade foi quem mandou construir [aquele prédio]<sub>i</sub>, né? Que é um lindo prédio, não sei se cê conhece Ø<sub>i</sub>. (RS POA 35 MB SUP)

Pronome pleno:

(25) Na São Borja, quando eu estava voltando, tinha que passar um pontilhão ali perto do Colégio Liberato, daí [um cara]<sub>i</sub> veio, quis me tirar a jaqueta e as calças, mas ele estava muito perto, daí eu consegui empurrar ele<sub>i</sub> pra dentro do valo. (RS POA 27 M)

Pronome clítico:

(26) Tenho até [um computadorzinho]<sub>i</sub> ali. Agora sob o aspecto prático, não há dúvida, né? Resolve problemas de muita rapidez, o que a pessoa precisa saber mesmo é operá-lo<sub>i</sub>. (RS POA 35 MB SUP)

Podemos compreender mais claramente a distribuição da retomada anafórica de terceira pessoa por meio do gráfico abaixo:

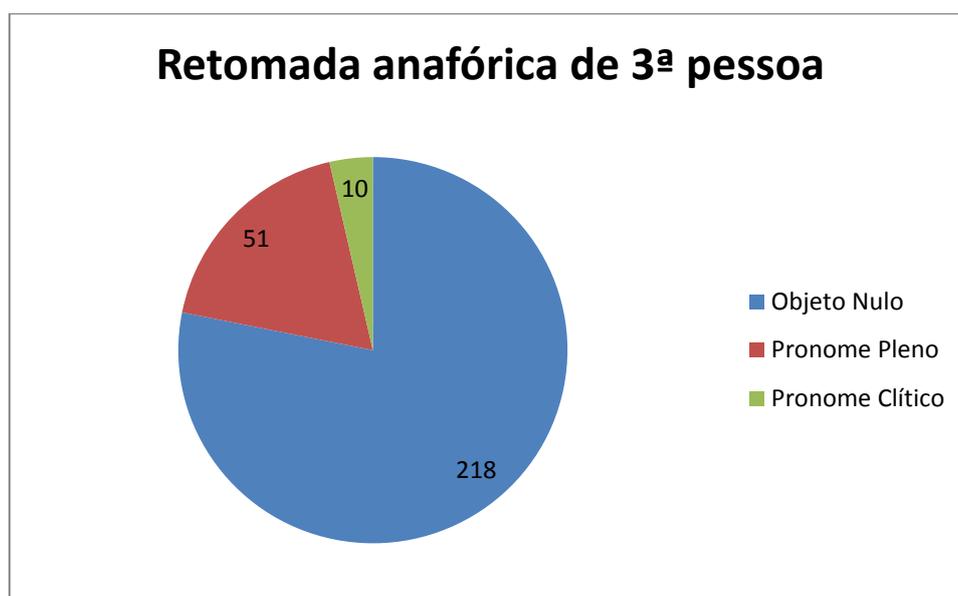


Gráfico 1 – Distribuição das ocorrências de retomadas anafóricas de 3ª pessoa.

A primeira de nossas conclusões com base na análise da retomada anafórica de 3ª pessoa é que o objeto nulo é a estratégia predominante em língua falada, confirmando estudos anteriores, como os de Tarallo (1983), Duarte (1989), Cyrino (1994/1997) e Bagno (2011), por exemplo. Em sendo assim, passamos a investigar os traços semânticos e discursivos que condicionam essas estratégias de retomada do objeto, a

saber: ON e pronomes<sup>12</sup>. Na subseção 3.2.1, analisamos os resultados com base nos traços de animacidade e especificidade dos antecedentes (*à la* Cyrino 1994/1997, Schwenter & Silva 2002, entre outros). Em 3.2.2, analisamos os antecedentes com base no traço de gênero semântico (seguindo a hipótese de Creus & Menuzzi 2004). Finalmente, em 3.2.3, sintetizamos os resultados para a 3ª pessoa.

### ***3.2.1 Animacidade e especificidade dos antecedentes***

Das 279 ocorrências de retomadas anafóricas de 3ª pessoa que encontramos, separamos os antecedentes de acordo com seus traços de animacidade e especificidade, tal como apresentamos na tabela 17, que segue abaixo dos exemplos:

[+a, +e]

(27) O meu pai viveu até os oitenta anos, e ele era uma pessoa que ele teve pouca instrução, mas, como eu sempre trabalhei fora, e ele ficava com [a minha filha]<sub>i</sub>, ele foi acompanhando ela<sub>i</sub> na época escolar. (RS POA 26 F B SEG)

[+a, -e]

(28) Esse pessoal que vem do interior, geralmente noventa por cento é do interior, então eles pegam [o pessoal]<sub>i</sub> e largam Ø<sub>i</sub> ali e babaus. (RS POA 03 M A PRI)

[-a, +e]

(29) No dia ele ia buscar [material]<sub>i</sub>, tá, largava ali, ia pra casa almoçar onze horas, onze e meia, voltava seis, sete horas da noite. (POA 03 M A PRI)

[-a, -e]

(30) Naquela época foi também pra fazer negócio: naquela época se comprava [automóvel]<sub>i</sub> lá mais barato pra revender Ø<sub>i</sub> aqui. (RS POA 26 F B SEG)

---

<sup>12</sup> Como alertamos no capítulo 2, levaremos em consideração aqui apenas fatores linguísticos no condicionamento da retomada anafórica de objeto – e não fatores sociais ou extralinguísticos. Cf. Monteiro (1994) e Pinto & Coelho (2016) para uma abordagem que leva em conta fatores sociais. Monteiro (1994) analisa dados de fala do projeto NURC e Pinto & Coelho (2016) analisam dados do *corpus* do VARSUL e da Amostra Floripa.

Traços do referente	Objeto Nulo	Pronome	Total
[+a, +e]	20 (31%)	<b>44 (69%)</b>	64
[+a, -e]	<b>8 (100%)</b>	0 (0%)	8
[-a, +e]	<b>140 (91%)</b>	13 (9%)	153
[-a, -e]	<b>50 (92%)</b>	4 (8%)	54

Tabela 17 – Distribuição de objeto nulo vs. pronome com antecedente [ $\pm a, \pm e$ ].

Essa tabela pode ser mais bem visualizada no gráfico abaixo:

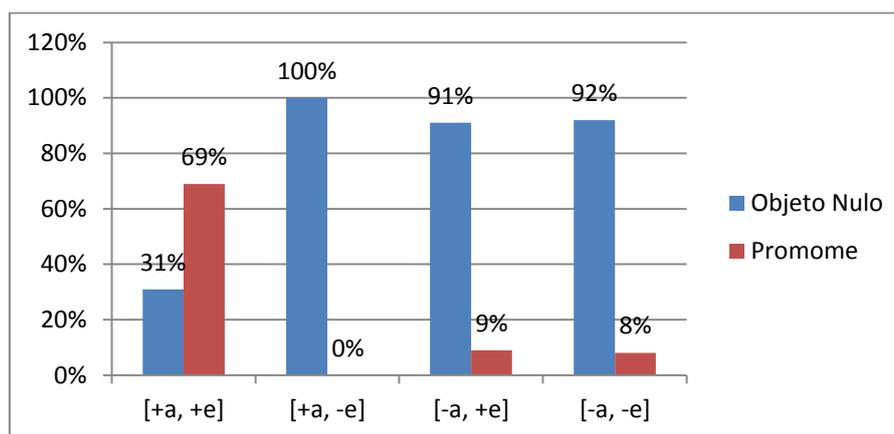


Gráfico 2 – Distribuição objeto nulo vs. pronome com antecedentes [ $\pm a, \pm e$ ].

A partir da leitura do gráfico, fica evidente a preferência pelo objeto nulo, salvo quando o antecedente tem traços [+a, +e]. Nessa combinação, ainda existe a preferência do uso de pronomes, como já haviam indicado vários trabalhos anteriores (cf. trabalhos já mencionados). Entretanto, em resultados de trabalhos anteriores (como Monteiro 1994 e Cyrino 1994/1997), a ocorrência de objetos nulos com referentes [+a, +e] no século XX era nula, enquanto no nosso *corpus* encontramos uma quantidade significativa de ONs para essa combinação de traços. Abaixo vemos a tabela que sintetiza os resultados de Cyrino (1994/1997), apresentada por Creus & Menuzzi (2004, p. 156)<sup>13</sup>:

<sup>13</sup> Essa tabela contém resultados das tabelas 3 e 4 de Cyrino (1994/1997).

Anteced.	Séc. XVI		Séc. XVII		Séc. XVIII		Séc. XIX		Séc. XX	
	Ocs.	%	Ocs.	%	Ocs.	%	Ocs.	%	Ocs.	%
[+a, +e]	01/78	1,3	02/31	6,5	01/21	4,8	01/46	2,2	00/21	0,0
[+a, -e]	01/08	12,5	01/24	4,2	00/01	0,0	00/12	0,0	04/07	57,1
[-a, +e]	03/61	4,9	02/69	2,9	08/99	8,1	37/75	49,3	64/74	86,5
[-a, -e]	02/26	7,7	15/66	22,7	02/32	6,3	01/12	8,3	27/29	93,1

Tabela 18 – Distribuição diacrônica de ONs (vs. pronomes preenchidos) segundo a animacidade e a especificidade do antecedente (Cyrino 1994/1997).

Menuzzi & Creus (2004) citam Cyrino como a autora do principal estudo sobre a queda dos clíticos acusativos no PB. Na tabela 18, que mostra a ação diacrônica dos traços de animacidade e especificidade na evolução do contraste entre ONs e pronomes, pode-se verificar que, na passagem do século XIX para o século XX, a mudança paramétrica já afeta praticamente todos os tipos de antecedentes, excetuando-se apenas o tipo [+a, +e], que não tem nenhuma ocorrência. Na classe dos antecedentes [+a, -e], em que no século XIX não foi encontrada nenhuma ocorrência de categoria vazia, o uso de ONs se introduz fortemente (de 0% a 57,1%); o número de ocorrências de ONs com antecedentes [-a, +e], que vinha crescendo desde o século XVIII, progrediu em direção ao uso categórico (de 4,9% no século XIX para 86,5% no século XX); ONs passam, como afirmam Creus & Menuzzi (2004, p. 157), de “praticamente inexistentes a praticamente categóricos” do século XIX ao século XX quando apresentam antecedentes [-a, -e] (de 8% a 93%), indicando uma reanálise do sistema em um curto período de tempo (cf. Creus & Menuzzi, p. 157).

Em nossos resultados, encontramos uma porcentagem significativa de ONs com antecedentes [+a, +e] (31%), combinação que, segundo a tabela acima, não apresentava nenhuma ocorrência de retomada anafórica com categoria vazia. A diferença entre as duas pesquisas pode ser explicada pelo tipo de registro utilizado para a coleta de dados: o trabalho de Cyrino foi realizado com *corpora* de língua escrita (peças de teatro) e o nosso, em um *corpus* de língua falada. O trabalho de Schwanke (2016), que analisou a ocorrência de pronomes e objetos nulos em *corpora* de língua escrita popular recentemente, também traz menor porcentagem de objetos nulos do que nós, quando o antecedente tem traços negativos para animacidade e especificidade. Como podemos ver na tabela abaixo, no entanto, seus resultados não são nulos.

Traços do antecedente	ON	Pronomes	TOTAL
[+a, +e]	9 (19,6%)	<b>37 (80,4%)</b>	46
[+a, -e]	1 (25%)	<b>3 (75%)</b>	4
[-a, +e]	<b>15 (71,4%)</b>	6 (28,6%)	21
[-a, -e]	<b>10 (66,7%)</b>	5 (33,3%)	15
TOTAL	35 (40,7%)	<b>51 (59,3%)</b>	86

Tabela 19 – Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos, pronomes plenos e clíticos em nosso *corpus* de redações escolares (Schwanke, 2016, p. 49).

Os resultados de Schwanke (2016) para a língua escrita e nossos resultados obtidos a partir da análise de entrevistas faladas indicam que antecedentes de traços [+a, +e] já não condicionam pronomes de maneira categórica, como indicava a tabela 18, com base em dados de Cyrino. Pivetta (2015), refazendo o mesmo caminho de Cyrino e utilizando o mesmo *corpus*, também encontrou poucas ocorrências de antecedentes [+a, +e] sendo retomados por ONs: apenas 15,6%. Em resumo, Cyrino encontrou 0% de antecedentes [+a, +e] sendo retomados por ONs; Pivetta, 15,6%; Schwanke (2016), também analisando a língua escrita, encontrou 19,6% desse tipo de antecedente sendo retomado por ON; nós, por outro lado, encontramos *31% de antecedentes [+a, +e] sendo retomados por ON*. Isso mostra que

- (i) o ON é uma estratégia que vem ganhando espaço no vernáculo brasileiro<sup>14</sup> e
- (ii) antecedentes [+a, +e] não condicionam categoricamente a retomada anafórica pronominal, como atestou Cyrino em sua tese de Doutorado<sup>15</sup>.

Foram poucas as ocorrências de retomada anafórica dos antecedentes com traços [+a, -e] (apenas 8 ocorrência em nosso *corpus*). Cyrino (1994/1997), Pivetta (2015) e Schwanke (2016) também encontraram poucas ocorrências desse tipo de antecedente: 7 na pesquisa de Cyrino, 8 na de Pivetta e 4 nos dados de Schwanke. Além disso, nossos resultados apontam escolha categórica de objeto nulo (100%), ao contrário do que

<sup>14</sup> Confirmando, então, as hipóteses de Duarte (1989), Cyrino (1994/1997, 2013), Schwenter & Silva (2002), Casagrande (2007), Ayres (2016).

<sup>15</sup> Isso é novidade, já que os trabalhos anteriores, que levaram em consideração a língua escrita, costumavam afirmar que antecedentes [+a, +e] condicionavam *categoricamente* a retomada anafórica via pronome. Na fala infantil, também encontramos o ON como estratégia generalizada. Aliás, nos dados de Ayres (2016), por exemplo, que analisa a fala de 36 crianças entre 1 e 9 anos de idade, os antecedentes com os traços [+a, +e] são retomados preferencialmente por ONs (em 72,8% dos casos), ao passo que a retomada anafórica pronominal é responsável por apenas 27,2% dos casos.

encontramos nesses três estudos que privilegiaram a língua escrita: Cyrino (1994/1997) encontrou 57,1% de ocorrências de ON para a retomada de antecedentes com o traço [+a, -e]; Pivetta (2015) encontrou 37,5% de ONs e Schwanke (2016), por sua vez, encontrou uma preferência por pronome quando do traço [+a, -e] do antecedente (25% de retomada anafórica com ON contra 75% de ocorrências com pronomes). Ou seja, esse é um forte indicador que a combinação entre os traços de animacidade e especificidade não é uma hipótese sólida ou categórica para explicar a distribuição entre pronomes e ONs na retomada anafórica de 3ª pessoa em PB.

Da mesma forma que verificado em trabalhos anteriores, nossos resultados apontam para o favorecimento do uso de objetos nulos quando o antecedente for marcado negativamente para o traço de animacidade, independentemente de sua classificação quanto ao traço de especificidade, mostrando o traço de especificidade é, por vezes, irrelevante e tem papel secundário ou redundante quando combinado com a animacidade do antecedente.

No entanto, tendo em vista que o objeto nulo não teve preferência apenas na retomada anafórica de referentes com traço [+a, +e] e que essa mesma classe de referentes apresenta um contraste tão grande nos resultados de nossa pesquisa e de pesquisas anteriores (cf. discussão acima), entendemos que apenas a combinação dos traços de animacidade e especificidade não se mostram suficientes para o condicionamento de pronome ou objeto nulo. Como afirmam Creus & Menuzzi, “essa relação íntima dos dois traços [animacidade e especificidade] no condicionamento da alternância entre pronomes e ONs sugere que a ação dos dois traços *não* é autônoma, mas o resultado de generalizações mais básicas”, grifos dos autores (2004, p. 5).

Tomando o traço de animacidade como o centro da combinação dos dois traços citados e levando em conta que o aspecto fundamental do traço de animacidade é sua associação com distinções de gênero semântico, Menuzzi e Creus (2004) propuseram a reformulação das generalizações básicas do sistema de anáfora de objeto no PB a partir da presença ou ausência de gênero semântico no antecedente. Na próxima subseção, analisaremos os mesmos dados do nosso *corpus*, dessa vez sob o viés desse traço ([±gs]).

### 3.2.2 Gênero semântico dos antecedentes

Nesta seção, apresentamos nossa análise dos antecedentes com base no traço de gênero semântico. Dos 279 antecedentes que encontramos no *corpus*, 51 foram marcados com [+gs] e 228 foram marcados com o traço [-gs]. Apresentamos, a seguir, exemplos de fala transcrita em que o referente é analisado quanto ao seu gênero semântico:

[+gs]

(31) E o [Homero]<sub>i</sub> dormindo lá em cima com o berro na mão lá, e eu ferrado aqui embaixo. É brincadeira. [...] Eu ia chamar ele<sub>i</sub>, no mínimo, né. (RS POA 03 M A PRI)

[-gs]

(32) Ah, leva [teus roteiros]<sub>i</sub> lá pra eu vender Ø<sub>i</sub> pra ti, né? (RS POA 31)

Abaixo, sistematizamos nossos resultados quanto ao gênero semântico em uma tabela e em um gráfico:

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+gs]	10 (19%)	<b>41 (81%)</b>	51 (100%)
[-gs]	<b>208 (91%)</b>	20 (9%)	228 (100%)

Tabela 20 – Antecedentes classificados com base no traço de gênero semântico.

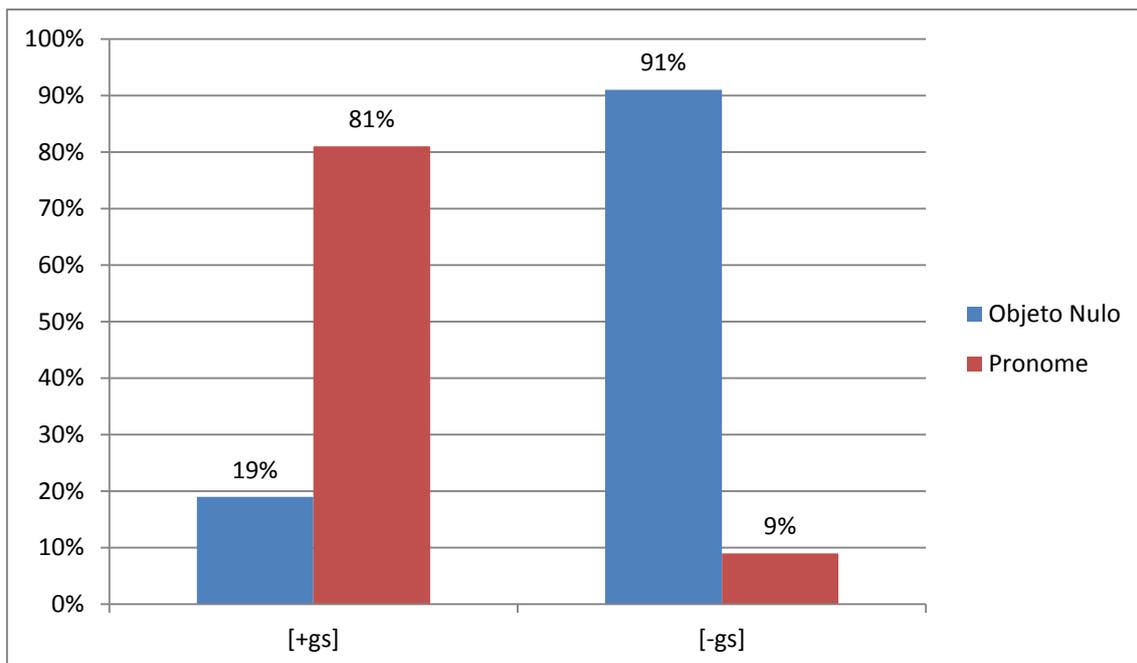


Gráfico 3 – Antecedentes classificados com base no traço de gênero semântico.

Como podemos ver no gráfico acima, encontramos uma forte tendência de que os antecedentes marcados com [+gs] sejam retomados por pronomes, ainda que o resultado não seja categórico (81%). Quando o referente é marcado com o traço [-gs], está claro que existe uma tendência categórica de 91% de que a retomada se dará por meio de um ON. É fácil perceber que aqui, com apenas o traço de gênero semântico, a polarização dos resultados fica evidente – compare com o gráfico 2, em que tínhamos os traços de animacidade e especificidade do referente e que não traziam uma polarização tão clara dos dados.

Se reanalisarmos os resultados encontrados por Creus e Menuzzi (2004) ao aplicarem seu teste (cf. cap. 1, além de Creus & Menuzzi 2004), mesmo considerando as limitações do teste (cf. Othero et al. 2016), e compararmos tais resultados com os nossos, notaremos a confirmação da hipótese de que o único traço relevante do antecedente no que toca à retomada anafórica de objeto em PB é o gênero semântico. Observemos as tabelas 21 e 22 a seguir:

Classe do Antecedente	Objetos Nulos	Pronomes Plenos
[+a –e, -gs]	24/37 (64,9%)	13/37 (35,1%)
[+a, -e, +gs]	09/31 (29%)	22/31 (71%)

Tabela 21 – Ocorrência de ONs e pronomes segundo antecedentes [+a, -e] (adaptado de Creus & Menuzzi 2004, p. 9).

A tabela 21 apresenta um fator decisivo para compreender o gênero semântico como condicionador da alternância entre ON e pronome: nas duas primeiras combinações de antecedentes (a saber, [+a, -e, -gs] e [+a, -e e +gs]) o único traço marcado de forma diferente é o traço de gênero semântico. Na primeira combinação, em que os referentes são marcados negativamente para esse traço, observamos quase 65% de ocorrência de objetos nulos e apenas 35% de ocorrências de retomada por pronome. Ainda que não pareça um resultado relevante por não ser categórico, ele ganha destaque quando comparado com a segunda combinação, que contém os mesmos traços de animacidade e especificidade, porém diferencia-se pela marca positiva para gênero semântico. Nessa combinação, 71% das retomadas anafóricas ocorreram com o uso de pronome, uma porcentagem bastante diferente da encontrada para a primeira combinação.

Como havíamos mencionado anteriormente, tivemos poucas ocorrências de antecedentes com os traços [+a, -e], assim como os trabalhos de Cyrino, Pivetta e Schwanke. Entretanto, obtivemos um resultado interessante (e categórico) com esse tipo de antecedente:

Traços do referente	Objeto Nulo	Pronome Pleno	Clítico	TOTAL
[+a, -e, -gs]	8 (100%)	0	0	8
[+a, -e, +gs]	0	0	0	0

Tabela 22 – Ocorrência de ONs e pronomes segundo antecedentes [+a, -e].

Repare, na tabela 22, que esse tipo de antecedente foi, de certa forma, problemático para os estudos de Cyrino, Pivetta e Schwanke (e mesmo para Creus & Menuzzi), já que nenhum deles trouxe dados categóricos de distribuição clara na retomada anafórica (ON x pronomes). Aqui, ao contrário, encontramos dados categóricos e reveladores: o traço de gênero semântico parece ser, de fato, o traço definitivo e responsável pela distribuição entre ONs e pronomes na retomada anafórica de 3ª pessoa com antecedentes [+a, -e].

Além disso, apenas com o traço de gênero semântico do antecedente já podemos visualizar melhor a polarização da retomada anafórica (cf. novamente o gráfico 3): ainda que não tenhamos uma conclusão categórica, nossos resultados (juntamente com os resultados encontrados por Creus & Menuzzi 2004 e Othero et al. 2016) apontam para a preferência do uso de pronome na retomada de referentes marcados

positivamente para o gênero semântico (81%) e o grande favorecimento (91%) do objeto nulo na retomada de referentes marcados negativamente para o traço em questão.

Por fim, efetuamos um cruzamento inverso, para verificar qual a preferência de antecedente no caso de um ON e de um pronome em retomada anafórica. Essa inversão de perspectiva confirmou nossos resultados encontrados até aqui, ou seja: vemos uma forte tendência de ter objetos nulos retomando antecedentes [-gs], ao passo que os pronomes se referem, em sua maioria, à retomada de antecedentes [+gs], como sistematizamos na tabela 23 abaixo e no gráfico subsequente:

Tipo de retomada	[+gs]	[-gs]	Total
ON	10 (4,5%)	<b>208 (95,4%)</b>	218 (100%)
Pronome	<b>41 (67,3%)</b>	20 (32,7%)	61 (100%)

Tabela 23 – Tipos de retomada e seus antecedentes.

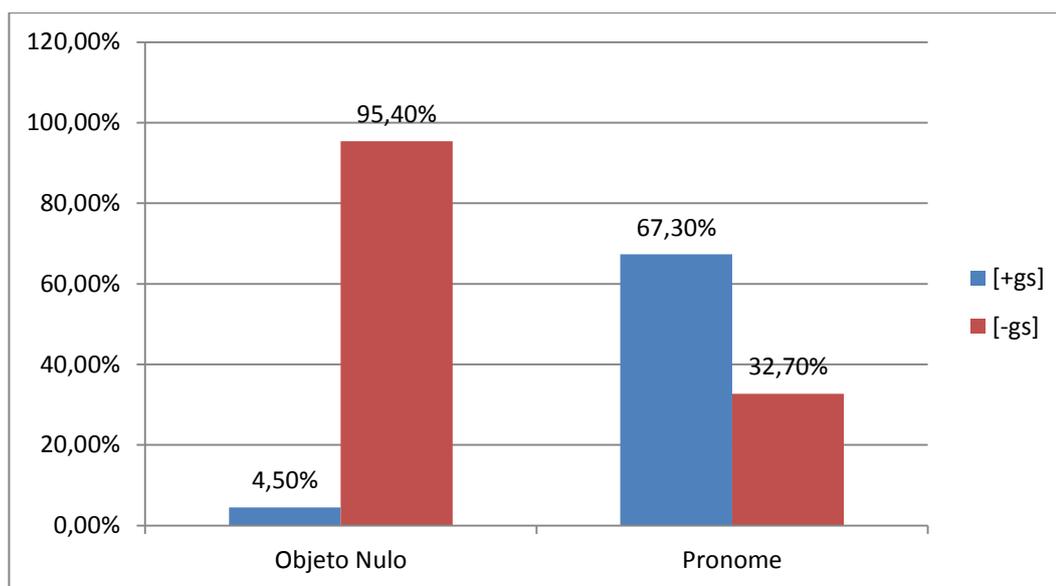


Gráfico 4 – Tipos de retomada e seus antecedentes.

Por meio da observação da tabela 23 (e do gráfico 4), podemos concluir sobre a preferência da ocorrência de objeto nulo quando o antecedente é marcado com o traço [-gs], chegando a quase 100% das ocorrências encontradas. Por outro lado, percebemos apenas uma tendência de que referentes com traço [+gs] sejam retomados por pronome pleno. Apesar disso, essa tendência ainda não nos indica uma polarização categórica, e os motivos ainda devem ser investigados.

### 3.2.3 Síntese

A partir das análises realizadas em 3.2.1, comparando nossos resultados com estudos anteriores acerca da combinação de traços [ $\pm a$ ,  $\pm e$ ] como condicionadora do uso de pronomes e objetos nulos, não encontramos uma polarização que nos permitisse explicar a sistemática da retomada anafórica de terceira pessoa por meio dessa combinação de traços. Ainda que tenhamos verificado que o traço de animacidade, quando marcado negativamente, favorece o objeto nulo, não podemos afirmar que existe uma preferência de retomada para a combinação desse traço com o de especificidade, que era a hipótese que visávamos analisar.

Em 3.2.2, analisamos os mesmos dados, porém sob o viés do traço de gênero semântico. Por meio de comparações com o trabalho de Creus e Menuzzi (2004), verificamos que o traço de gênero semântico polariza melhor os resultados, permitindo-nos visualizar que, de todas as ocorrências de retomada com objeto nulo, mais de 95% referiam-se a referentes com o traço [-gs]. Isso confirma a hipótese de Creus e Menuzzi (2004) que relatamos no capítulo 1 e relembramos na análise deste capítulo, a saber: as generalizações básicas do sistema de anáfora de objeto do PB podem ser reformuladas a partir da presença ou ausência do traço de gênero semântico do antecedente (cf. Creus & Menuzzi 2004, p. 7).

A explicação por meio da hipótese do gênero semântico parece-nos mais adequada porque, além de ter apresentado resultados mais polarizados, é uma maneira mais econômica de explicar este fenômeno da língua; afinal, utiliza a análise de apenas um traço ao invés de recorrer à combinação de dois ou mais traços – aplica-se aqui a o princípio da Navalha de Occam<sup>16</sup>. Além disso, a hipótese segue os princípios de concordância, já que, como afirmam Creus & Menuzzi (2004):

Do ponto de vista conceitual, a hipótese que associa os pronomes plenos do PB à presença de gênero semântico, e objetos nulos à ausência de gênero semântico é mais natural que a hipótese análoga baseada na distinção de animacidade: afinal, a diferença básica entre as formas *ele/ela* e os objetos nulos é que as primeiras portam especificações de gênero, enquanto que os últimos são justamente não-especificados para gênero (bem como para número, mas nisso os ONs não diferem significativamente dos PrPIs, já que os últimos podem ou não portar a flexão de número). Ou seja, a escolha entre ONs e PrPIs resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre

---

<sup>16</sup> Princípio filosófico que diz que, quando estivermos sendo confrontados com diversas explicações para um mesmo problema, a mais simples tende a ser a correta. Recebe o nome em homenagem ao filósofo inglês William de Occam (1285-1347).

antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPIs porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico

Ou seja, os pronomes plenos *ele/ela* portam especificações de gênero, ao passo que os objetos nulos não têm especificidade de gênero, retomando, portanto, em sua maioria, antecedentes de traço [-gs].

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, investigamos as estratégias de retomada anafórica em português falado. O estudo deu-se por meio da análise dos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico do referente de cada uma das 376 ocorrências de retomada anafórica em posição de objeto que encontramos no *corpus* analisado (as 19 entrevistas do VARSUL). O objetivo principal foi verificar qual a motivação da escolha do uso de pronome ou objeto nulo para a retomada anafórica de terceira pessoa, além de comparar as hipóteses de Cyrino (1994/1997) e de Creus & Menuzzi (2004). Quanto à primeira e à segunda pessoa do singular, buscávamos comprovar e justificar a manutenção dos clíticos como, ainda, a maneira preferível para a retomada anafórica.

A análise dos dados de nosso *corpus* permitiu-nos confirmar que, conforme relatam Monteiro (1994), Nunes (1996) e Othero & Cardozo (no prelo), os clíticos não estão desaparecendo na nossa língua, mas apenas na terceira pessoa. Em primeira e segunda pessoas o pronome clítico mantém sua predominância no que se refere à retomada anafórica, e uma possível explicação para isso se deve ao fato de que os referentes são sempre classificados como +animado, +específico e +gênero semântico, afinal são sujeitos do discurso (cf. Monteiro, 1994) – além das questões prosódicas e morfossintáticas apontadas por Nunes (1996) e Othero & Cardozo (no prelo).

Na análise de terceira pessoa, verificamos a predominância de objeto nulo na fala, informação que vem ao encontro de Nunes (1996) e de Amaral (2004)<sup>17</sup>, que relatam a permanência do uso de clíticos apenas em textos escritos e na fala culta (sendo pouco frequente mesmo entre falantes com maior grau de instrução). Além disso, os autores conferem a manutenção dos clíticos de 3ª pessoa à ação normativa da escola (a esse respeito, cf. também os resultados de Oliveira 2007).

Sabendo das duas estratégias de substituição dos clíticos, verificamos que o condicionamento da escolha entre objeto nulo e pronome pleno é mais bem explicado pela hipótese do gênero semântico, de Creus & Menuzzi (2004). Segundo essa teoria, um único traço – o de gênero semântico – pode explicar o uso de pronome pleno ou objeto nulo para a retomada anafórica de terceira pessoa, de maneira que, se o antecedente é classificado como [-gs], o objeto nulo é utilizado; se o antecedente possui

---

<sup>17</sup> Pinto & Coelho (2016) também realizaram pesquisa referente ao objeto direto anafórico em *corpus* falado. A comparação realizada em seu trabalho foi entre ONs e objetos preenchidos, não apenas contrastando objetos nulos com pronomes plenos, como fizemos. Seus resultados indicam um leve aumento de ocorrências de ON entre os anos 1990 e 2010.

o traço [+gs], o pronome pleno é usado – não se trata, como vimos de um fenômeno de distribuição completar do tipo “tudo-ou-nada”, mas uma tendência forte na língua apenas. Observamos que, de todas as ocorrências de retomada com objeto nulo, mais de 95% referiam-se a antecedentes com o traço [-gs]. Ainda, a análise realizada na seção 3.2.2 apresenta resultados mais polarizados, já que evidenciam que 81% das retomadas anafóricas de referentes com o traço [+gs] foram realizadas por meio de pronome pleno.

Segundo nossos resultados, a teoria do gênero semântico explica o fenômeno da retomada anafórica de objeto em PB de maneira mais acurada porque polariza melhor os resultados. A teoria também se mostra como uma maneira mais econômica de explicar o fenômeno em questão e vai ao encontro dos princípios de concordância, já que, como anteriormente relatado, os pronomes plenos *ele/ela* carregam especificações de gênero, sendo esse o motivo para retomarem, em sua maioria, antecedentes com o traço [+gs]; ao passo que objetos nulos não portam especificações de gênero, retomando antecedentes de traço [-gs]. Casos que contrariam a hipótese do gênero semântico, entendida como a mais adequada para explicar o condicionamento de pronomes e objetos nulos, ainda devem ser detalhadamente estudados; porém, acreditamos que este trabalho tenha contribuído para a descrição da língua falada e para a explicação das retomadas anafóricas no PB.

## **BIBLIOGRAFIA**

AMARAL, L. A Forma do objeto direto anafórico em português - Uma análise motivada pela topicalidade. **Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Vol. VIII, n. 14, p 9 - 22. Rio de Janeiro, 2004.

AYRES, M. R. **Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil**. Dissertação de mestrado, PUCRS, 2016.

AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 2, n. 2, 2016.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BISOL, L.; MENON, O.; TASCIA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BISOL, L.; MONARETTO, V. N. O. Prefácio: VARSUL e suas origens, uma história sumariada. **ReVEL**, edição especial n. 13, 2016.

CASAGRANDE, S. **A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro**. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 2007.

CASAGRANDE, S. Restrições de ocorrência do objeto direto anafórico no Português Brasileiro: gramática adulta e aquisição da linguagem. **ReVEL**, edição especial n. 6, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, (44):105-118, Jan./Jun. 2003.

COLLISCHONN, G.; MONARETTO, V. Banco de dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 56, n. 3, 2012.

CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.

CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

CYRINO, S. M. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.)

CYRINO, S. M. Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. *Letras de Hoje* 38 (1): 31-47, 2013.

DUARTE, M. E. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALO, F. (org.). **Fotografia Sociolinguística**. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1989.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

HAAG, C. R.; OTHERO, G. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. *ReVEL*. v. 1, n. 1, agosto de 2003.

KOCH, I. V. & MARCUSHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 14, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. **Working Papers em Linguística (Impresso)**, 2016.

OTHERO, G. A.; CARDOZO, R. W. **A ordem pronominal em português brasileiro: da ênclise à próclise, do clítico ao tônico (or There and Back Again, a Word Order's Holiday)**. Fórum Linguístico, no prelo

PINTO, C. A. V.; COELHO, I. L. O objeto direto anafórico de SN: uma análise da fala de Florianópolis em duas sincronias. **ReVEL**, edição especial n. 12, 2016.

PIVETTA, V. **Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos - animacidade/especificidade vs. gênero semântico**. Dissertação de mestrado, UFRGS, 2015.

RAPOSO, E. P. On the null object in European Portuguese. In: JAEGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.). **Studies in Romance Linguistics**. Foris, Dordrecht, 1986.

SCHWANKE, C. **Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, 2016.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Doctoral dissertation, Univ. of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

## ANEXO 1)

### ANÁLISE DE DADOS VARSUL

#### Clíticos 3ª pessoa

referente - clíticos	animacidade	especificidade	gênero semântico
o Guaíba	menos	mais	menos
Brizola	mais	mais	mais
O espanhol	menos	mais	menos
O camarão	menos	menos	menos
Meu marido	mais	mais	mais
o meu marido	mais	mais	mais
Os valores	menos	mais	menos
o computador	menos	mais	menos
o computador	menos	mais	menos
o computador	menos	mais	menos

#### Pronomes plenos 3ª pessoa

referente pleno 3p	animacidade	especificidade	gênero semântico
meu pai	mais	mais	mais
minha mãe	mais	mais	mais
a filha	mais	mais	mais
o microfone	menos	mais	menos
a guria	mais	mais	mais
a guria	mais	mais	mais
A Maria	mais	mais	mais
A Maria	mais	mais	mais
Icotron	menos	mais	menos
as crianças	mais	mais	mais
as crianças	mais	mais	mais
as crianças	mais	mais	mais
as crianças	mais	mais	mais
o marido	mais	mais	mais

o empregado	mais	mais	mais
o português	mais	mais	mais
as garrafas	menos	mais	menos
minha mãe	mais	mais	mais
a galinha	menos	menos	menos
a galinha	menos	menos	menos
Pedro	mais	mais	mais
Homero	mais	mais	mais
Homero	mais	mais	mais
Meus filhos	mais	mais	mais
o doutor e os filhos	mais	mais	menos
as folhas	menos	menos	menos
as folhas	menos	mais	menos
a gelatina	menos	mais	menos
o homem	mais	mais	mais
seu marido	mais	mais	mais
os bandidos	mais	mais	mais
meu marido	mais	mais	mais
o meu neto	mais	mais	mais
a turma jovem	mais	mais	menos
a turma jovem	mais	mais	menos
minha filha	mais	mais	mais
um colega	mais	mais	mais
o guri	mais	mais	mais
o cara	mais	mais	mais
o filho	mais	mais	mais
A minha ex	mais	mais	mais
o filho	mais	mais	mais
o guarda	mais	mais	mais
o guarda	mais	mais	mais
Beto	mais	mais	mais
meu guri	mais	mais	mais
o Arílson	mais	mais	mais

minha sogra	mais	mais	mais
o chefe	mais	mais	mais
a carne	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos

### Objetos nulos 3ª pessoa

			gênero
referente - objeto nulo	animacidade	especificidade	semântico
meu pai	mais	mais	mais
meu pai	mais	mais	mais
uma cadeira	menos	menos	menos
bebida	menos	menos	menos
o morro	menos	mais	menos
a cidade	menos	mais	menos
a fome	menos	menos	menos
o meu dinheiro	menos	mais	menos
a carroça	menos	mais	menos
as colegas	mais	mais	mais
bola	menos	menos	menos
os brasileiros	mais	mais	menos
as pedrinhas	menos	mais	menos
meu marido	mais	mais	mais
o prédio	menos	mais	menos
o exame	menos	mais	menos
o prêmio	menos	mais	menos
o prêmio	menos	mais	menos
porto alegre	menos	mais	menos
roupas	menos	menos	menos
roupas	menos	menos	menos
um microfone	menos	menos	menos
um microfone	menos	menos	menos
a garrafinha	menos	menos	menos

a garrafa	menos	mais	menos
a garrafa	menos	mais	menos
a garrafa	menos	mais	menos
Jaguarão	menos	mais	menos
o bandoim	menos	menos	menos
passa de uva	menos	menos	menos
pacote de passa de uva	menos	menos	menos
mil reais	menos	mais	menos
os bancos	menos	mais	menos
a entrega do serviço	menos	mais	menos
material	menos	menos	menos
A porta	menos	mais	menos
o toca fitas	menos	mais	menos
a carteira	menos	menos	menos
a pulseira	menos	mais	menos
o fuca	menos	mais	menos
a carteira	menos	mais	menos
a bolsa	menos	mais	menos
os saquinhos	menos	menos	menos
os pagamentos	menos	mais	menos
as crianças	mais	mais	menos
o almoço	menos	menos	menos
o calçadão	menos	mais	menos
o calçadão	menos	mais	menos
o calçadão	menos	mais	menos
o apartamento	menos	mais	menos
o casamento	menos	mais	menos
dinheiro	menos	menos	menos
as crianças	mais	menos	menos
a quinta série	menos	mais	menos
o estudo	menos	menos	menos
o Unificado	menos	mais	menos
o plano diretor	menos	mais	menos

o problema do narcotráfico	menos	mais	menos
as lojas	menos	mais	menos
suas programações			
normais	menos	menos	menos
A pracinha	menos	mais	menos
o problema	menos	menos	menos
iluminação	menos	mais	menos
a prefeitura	menos	mais	menos
cachaça	menos	menos	menos
a luz	menos	mais	menos
poste	menos	mais	menos
a prefeitura	menos	mais	menos
o reator	menos	mais	menos
o hotel	menos	mais	menos
o hotel	menos	mais	menos
a galena	menos	menos	menos
o prédio	menos	mais	menos
o paralelepípedo	menos	menos	menos
comidas	menos	menos	menos
os discos	menos	menos	menos
os discos	menos	menos	menos
o espanhol	menos	mais	menos
o espanhol	menos	mais	menos
minha mãe	mais	mais	mais
minha mãe	mais	mais	mais
a mesa	menos	mais	menos
vantagem	menos	menos	menos
o pijama	menos	menos	menos
o pijama	menos	menos	menos
benjamin constant cidade	menos	mais	menos
o projeto	menos	mais	menos
Ana Lúcia	mais	mais	mais
As pessoas	mais	menos	menos

As pessoas	mais	menos	menos
os olhos	menos	menos	menos
a igreja	menos	mais	menos
As pessoas	mais	mais	menos
outras seitas	menos	menos	menos
o filme	menos	mais	menos
o grupo de louvor	menos	mais	menos
diferença	menos	menos	menos
a pessoa	mais	menos	menos
a igreja	menos	menos	menos
a igreja	menos	menos	menos
a língua portuguesa	menos	mais	menos
o problema	menos	menos	menos
a creche da Marlene	menos	mais	menos
a umbanda	menos	mais	menos
o muro	menos	mais	menos
o pessoal	mais	menos	menos
o pavimento	menos	mais	menos
o jornal	menos	mais	menos
a mulher e as crianças	mais	mais	menos
o revólver	menos	mais	menos
o móvel	menos	menos	menos
a sauna gaúcha	menos	mais	menos
o pessoal	mais	mais	menos
o lanche	menos	menos	menos
o pessoal	mais	menos	menos
O Eduardo	mais	mais	mais
o aparelhinho	menos	mais	menos
rádio	menos	mais	menos
rádio	menos	mais	menos
rádio	menos	mais	menos
leite	menos	menos	menos
leite	menos	menos	menos

leite	menos	menos	menos
o vizinho	mais	mais	menos
o joelho	menos	mais	menos
a mercadoria	menos	mais	menos
o comércio	menos	mais	menos
a draga	menos	mais	menos
a madeira	menos	mais	menos
a vacina	menos	mais	menos
a draga	menos	menos	menos
a draga	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
o trabalho	menos	mais	menos
revistas TÓPICO	menos	menos	menos
o meu nome	menos	mais	menos
o jardim	menos	mais	menos
o assalto	menos	mais	menos
o assalto	menos	mais	menos
a roupa	menos	mais	menos
a roupa	menos	mais	menos
a roupa	menos	mais	menos
a comida	menos	mais	menos
a roupa	menos	mais	menos
as folhas	menos	menos	menos
a folha	menos	mais	menos
as folhas	menos	mais	menos
as folhas	menos	mais	menos
as folhas	menos	mais	menos
o curso	menos	mais	menos
hidroginástica	menos	mais	menos
hidroginástica	menos	mais	menos
o medo	menos	mais	menos

o filme	menos	mais	menos
a pantanal tv	menos	mais	menos
as novelas	menos	mais	menos
mandacaru	menos	mais	menos
a novela da globo	menos	mais	menos
a casa	menos	menos	menos
o morro	menos	mais	menos
a rua 24h	menos	mais	menos
a rua 24h	menos	mais	menos
a receita	menos	menos	menos
a receita	menos	menos	menos
a gelatina	menos	mais	menos
o iogurte	menos	mais	menos
a gelatina	menos	mais	menos
um retrós de linha	menos	mais	menos
a ovelha	mais	mais	menos
a minha mãe	mais	mais	mais
As lojas americanas	menos	mais	menos
vestidos	menos	mais	menos
a segunda série	menos	mais	menos
a lavanderia	menos	mais	menos
o terno	menos	mais	menos
o terno	menos	mais	menos
o pensamento	menos	mais	menos
os bailes	menos	mais	menos
o automóvel	menos	menos	menos
o automóvel	menos	menos	menos
as pessoas	mais	menos	menos
o restaurante	menos	mais	menos
o assunto	menos	menos	menos
a pílula	menos	mais	menos
política	menos	menos	menos
a pergunta	menos	mais	menos

a namorada	mais	mais	mais
a pensão	menos	mais	menos
a profissão	menos	mais	menos
o escritório	menos	mais	menos
o som	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
o prédio	menos	mais	menos
a influência	menos	mais	menos
o trabalho	menos	mais	menos
o trabalho	menos	mais	menos
o trabalho	menos	mais	menos
os valores	menos	mais	menos
filosofia TÓPICO	mais	menos	menos
os meus amigos	mais	mais	menos
a pracinha	menos	mais	menos
Porto Alegre	menos	mais	menos
O ônibus	menos	mais	menos
os roteiros	menos	mais	menos
as pessoas	mais	mais	menos
as pessoas	mais	mais	menos
o carro	menos	mais	menos
O sistema educacional			
TÓPICO	menos	mais	menos
strogonoff	menos	mais	menos
strogonoff	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
a carne	menos	mais	menos
o caldinho TÓPICO	menos	mais	menos
o creme de leite	menos	mais	menos

Clíticos 1ª pessoa

clíticos ME 1p	animacidade	especificidade	gênero semântico
Viviane ME	mais	mais	mais
Viviane ME	mais	mais	mais
Viviane ME	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME 41.TXT	mais	mais	mais
ME POA 01 M B	mais	mais	mais
ME POA 02 F B	mais	mais	mais
ME POA 03	mais	mais	mais
ME POA 03	mais	mais	mais
ME POA 03	mais	mais	mais
ME POA 12	mais	mais	mais
ME POA 21	mais	mais	mais
ME POA 21	mais	mais	mais
ME POA 21	mais	mais	mais
ME POA 21	mais	mais	mais
ME POA 22	mais	mais	mais
me poa 22	mais	mais	mais
me RS POA 01	mais	mais	mais
me RS POA 01	mais	mais	mais



RS POA 27 M	mais	mais	mais
RS POA 27 M	mais	mais	mais
RS POA 27 M	mais	mais	mais
RS POA 27 M	mais	mais	mais
RS POA 27 M	mais	mais	mais
RS POA 35 MB SUP	mais	mais	mais
RS POA 35 MB SUP	mais	mais	mais
RS POA 35 MB SUP	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais
RS POA 31	mais	mais	mais

Pronomes plenos 1ª pessoa

			gênero
referente - PP 1		animacidade	especificidade
Pronome pleno como objeto direto Me			semântico
1+a+e+gs PP		mais	mais
			mais

Objetos nulos 1ª pessoa

referente	animacidade	especificidade	gênero	semântico
Cláudio ME elipse	mais	mais	mais	
Me RS POA 26 elipse	mais	mais	mais	
ME RS POA 27 elipse	mais	mais	mais	
Me RS POA 31 elipse	mais	mais	mais	

## Clíticos 2ª pessoa

referente clíticos 2p	animacidade	especificidade	gênero semântico
Te genérico 28.txt	mais	menos	menos
Te genérico 28.txt	mais	menos	menos
Te genérico 28.txt	mais	menos	menos
Te genérico 28.txt	mais	menos	menos
Te genérico 28.txt	mais	menos	menos
Lhe ajudar	mais	mais	mais
Lhe ajudar	mais	mais	mais
Te RS poa 26	mais	mais	mais
Te RS POA 27	mais	mais	mais
Te RS POA 27	mais	mais	mais
TE RS POA 27	mais	mais	mais

## Pronomes plenos 2ª pessoa

0

## Objetos nulos 2ª pessoa

referente	animacidade	especificidade	gênero semântico
Elipse TE 41.txt TE GENÉRICO	mais	menos	menos